

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO**

Romar Rudolfo Beling

**UMA POÉTICA DA MEMÓRIA:**  
**O HOLOCAUSTO NA OBRA DE JORGE SEMPRUN**

Santa Cruz do Sul, agosto de 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Romar Rudolfo Beling

**UMA POÉTICA DA MEMÓRIA:  
O HOLOCAUSTO NA OBRA DE JORGE SEMPRUN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alba Olmi

Santa Cruz do Sul, agosto de 2007

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

*Prof<sup>a</sup>. Dr. Alba Olmi*  
Professora Orientadora

*Prof. Dr. Ruben Méndez Castiglioni (UFRGS)*

*Prof<sup>a</sup>. Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai (PPGL – UNISC)*

*Para meus pais, Laurindo e Lira,  
porque a memória é uma herança.*

*Para minha irmã Márcia, in memoriam.*

*Para Jorge Semprun,  
porque a memória é uma herança.*

*Para todos aqueles que – amigos, colegas,  
companheiros, pessoas amadas – configuraram,  
configuram e serão herança de minha memória.*

## AGRADECIMENTOS

À Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), pela decisão de implantar um Mestrado com esse amplo enfoque, multiplicando olhares sobre essa via de mão dupla que constituem a leitura e a cognição.

À coordenação do Mestrado em Letras – Leitura e Cognição e ao grupo de professores do curso, pela maneira como conduzem as atividades e pela qualidade imprimida a cada tarefa, o que se traduz em ensino de riqueza humana, intelectual e cultural inquestionável.

À minha professora orientadora, Dr. Alba Olmi, por tantas e tão sinceras razões que mal poderia nomeá-las todas nesse espaço: pelo afeto, pela ternura, pela sua história de vida, pela sua ampla gama de conhecimentos e pela amizade com que conduz sua relação com os alunos; por suas inúmeras ponderações valiosas, por suas dicas sempre oportunas e, principalmente, pela oportunidade de uma convivência prolongada, desde as salas de aula da graduação.

Aos meus colegas da primeira turma do Mestrado em Letras – Leitura e Cognição, essa família que se enriqueceu e se completou com a diversidade de conhecimentos e pontos de vista, tecendo, a muitas mãos, novos horizontes para a caminhada pessoal de cada um de nós.

À *Gazeta Grupo de Comunicações*, nas pessoas dos senhores André Luís Jungblut e Jones Alei da Silva, pela decisão, sempre arrojada, de me liberarem em tantos momentos da minha rotina profissional para me dedicar aos estudos.

Aos meus colegas na *Editora Gazeta Santa Cruz*, aos quais devo a compreensão da ausência em alguns momentos da semana e o apoio nessa caminhada pessoal que nunca é pessoal, mas repercute sempre naqueles que estão próximos de nós.

Aos meus familiares, aos amigos e às demais pessoas que, com dicas de leituras, reflexões, sugestões, ou simplesmente com a disposição de ouvir divagações de um apaixonado por literatura, contribuíram para que essa pesquisa se consolidasse.

*A escolha era simples: a escrita ou a vida.  
Teria eu a coragem – a crueldade comigo  
mesmo – de pagar esse preço?*

Jorge Semprun, *A escrita ou a vida*

## RESUMO

O presente trabalho dedica-se a analisar a memória do holocausto na obra do espanhol Jorge Semprun. Nascido em Madri em 1923, Semprun é sobrevivente do campo de concentração de Buchenwald. Após a libertação, instalou-se em Paris e constitui um dos mais agudos e respeitados intelectuais europeus da atualidade, tendo sido ministro da Cultura na Espanha, entre 1988 e 1991. Em romances e ensaios autobiográficos publicados a partir de 1964, como *A grande viagem*, *Um belo domingo* e *O morto certo*, fixa as lembranças associadas à deportação e às agruras da vida no *Lager*, na rotina de morte e degradação. Além da leitura da obra de Semprun, o trabalho coteja as reflexões do autor com textos autobiográficos e depoimentos de outros sobreviventes do holocausto, como Primo Levi, Elie Wiesel, Imre Kertész e Jean Améry. Do conjunto de leituras, do qual sobressai o romance *A escrita ou a vida*, testemunho definitivo do olhar de Semprun sobre Buchenwald, extrai-se uma noção de “poética da memória”, que inclui, por exemplo, a eleição da narrativa ficcional como suporte para compartilhar as lembranças dessa experiência traumática, além do forte apoio intertextual. A memória do holocausto na obra de Semprun torna-se, assim, memória apoiada e compartilhada com os autores que ele lê e admira e, de certo modo, com a cultura e com a arte ocidental.

Palavras-chave: Holocausto; Autobiografia; Memória; Jorge Semprun; Literatura de Testemunho.

## ABSTRACT

The present paper analyses the memory of Holocaust on the oeuvre of the Spanish writer Jorge Semprun. Born in Madrid in 1923, Semprun is a survivor of the Buchenwald concentration camp. After his liberation, he settled in Paris and became one of the most acute and respected European intellectuals at the present day, and served as Minister of Culture in Spain, from 1988 to 1991. In novels and autobiographical essays published in 1964, like *The long voyage*, *A beautiful Sunday* and the *Right dead*, he focuses on the remembrances associated to the deportation and hardships of life in *Lager*, in the routine of death and degradation. Besides the reading of Semprun's works, this paper collates the reflections of the author with the autobiographical texts and testimonies of holocaust survivors, like Primo Levi, Elie Wiesel, Imre Kertész and Jean Améry. From the set of readings, of which the highlight is the novel *Script or life*, definitive testimony of Semprun's look on Buchenwald, the notion "poetics of memory" is extracted, which includes, for example, the choice of fictional narrative as a support for sharing the remembrances of that traumatic experience, besides a hefty inter-textual support. The memory of Holocaust in Semprun's oeuvre thus becomes a memory backed and shared by the authors he admires and, in a way, by the Western culture and art.

Keywords: Holocaust; Autobiography; Memory; Jorge Semprun; Literature of Testimony.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 VOLTAR A SI.....	15
1.1 A vida como uma obra.....	17
2 O HOMEM E A OBRA.....	31
3 O PASSADO PELA FRENTE.....	49
4 UMA FORÇA PARA A VIDA.....	60
5 SOBRE VIVER.....	67
6 UMA POÉTICA DA MEMÓRIA.....	76
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	89

## INTRODUÇÃO

Pode-se imaginar a memória como um farol que incide num ângulo de 360 graus, num eixo constante que a tudo abrange na estrada da vida. Ao mesmo tempo em que descortina o olhar sobre o passado, jogando luz sobre fatos, acontecimentos e situações já vivenciadas, esse mesmo foco é arremessado ao futuro, investigando as brumas do ambiente vindouro, esse enigma que constitui o amanhã, o amanhã que o ser humano será. E, naturalmente, esse farol, a memória, está situado no presente, num presente, na perspectiva a partir da qual se olha, se pensa, se lembra, continente e conteúdo de tudo que é possível ver e recordar.

É sob o impacto dessa imagem metafórica, da memória como um imenso farol, que se principia esta incursão pela obra do escritor espanhol Jorge Semprun, uma das principais referências contemporâneas nos estudos sobre a experiência e as condições de vida nos campos de concentração mantidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Sobrevivente de Buchenwald, Semprun publicou quatro livros diretamente relacionados com a memória dos dois anos vividos no *Lager*<sup>1</sup>, além do fato de que a sua obra ficcional volta-se de maneira recorrente a essa fase de sua vida. Por conta da leitura dos textos do autor espanhol, foi possível igualmente propor uma reflexão mais ampla sobre o contexto que marcou o holocausto na história da humanidade, suas implicações filosóficas, políticas, antropológicas e sociológicas, suas decorrências éticas e morais, além da apreciação comparativa da obra de outros sobreviventes e de teóricos que analisaram esses textos.

---

<sup>1</sup> Ao longo do trabalho, estaremos nos referindo a *Lager* e a campos de concentração como sinônimos. A palavra alemã “Lager” é empregada para denominar os campos cercados, em geral com arame farpado e dotados de rigorosos sistemas de vigilância armada, com torres de observação e vigias. Esses campos foram implantados durante a Segunda Guerra Mundial em vários locais da Europa com a finalidade de recolher a eles as pessoas perseguidas pelo regime nazista. Houve campos de concentração, onde os prisioneiros ficavam inicialmente para a execução de trabalhos forçados, e campos de extermínio, dos quais Auschwitz é o exemplo mais acabado, envolvendo as tétricas câmaras de gás. Os campos de concentração, como o de Buchenwald, com o avançar do conflito também acabaram registrando experiências de eliminação em massa, normalmente por tiros de arma de fogo.

O presente trabalho também se vincula a uma memória pessoal. Em agosto de 2002, como jornalista convidado pelo Consulado Alemão, durante um mês, tivemos a oportunidade de visitar várias cidades e regiões da Alemanha, incluindo um passeio ao que hoje resta do campo de concentração de Buchenwald, nas imediações de Weimar e de Eisenach, nas planícies da Turíngia. Nessa região, durante as décadas de 1930 e de 1940, funcionou um *Lager* nazista para onde haviam sido deportados dezenas de milhares de pessoas, entre judeus, membros de outras etnias, perseguidos políticos e desafetos do regime nazista, das mais diversas nações européias. Jorge Semprun, que, na época, residente em Paris, militava na resistência francesa à invasão alemã, foi um dos presos deportados para Buchenwald.

Em pleno século XXI, as marcas do que constituiu o *Lager*, construído na encosta do Ettersberg, região célebre de passeios, de caçadas e de piqueniques de Goethe, ainda permanecem vivas. O silêncio e a vegetação cercam a alameda principal, o pórtico de entrada do campo, os vestígios dos prédios dos pavilhões e dos barracões dos concentrados, parte das cercas e, naturalmente, o crematório. Embora não tenha constituído um campo de extermínio, como o complexo de Auschwitz, Buchenwald também entrou para a história porque motivou a morte de mais de 60 mil pessoas, muitas delas por exaustão física no trabalho ou pela fome, além, naturalmente, das muitas pessoas que foram assassinadas nos processos de perseguição a judeus ou inimigos do sistema nazista.

Esse ambiente, no qual Jorge Semprun foi levado a viver, de maneira forçada, durante dois anos, dos 19 aos 21 anos de vida, despertou de maneira definitiva nosso interesse pela temática da memória do holocausto. A aproximação com a ampla, variada e cada vez mais intensa bibliografia da literatura de testemunho associada ao holocausto, à perseguição no contexto da Segunda Guerra Mundial, propiciou a leitura de intelectuais, de escritores e de personalidades das mais variadas origens e etnias. Compreender de algum modo a experiência de vida dos sobreviventes, tentar entender o que significou enfrentar essa realidade pessoal, social, cultural e histórica, apreender os possíveis significados, as possíveis lições que esse período amargo da história da humanidade deixou para o porvir, passou a constituir tarefa inadiável.

Nos últimos anos, algumas situações específicas contribuíram para manter viva a atenção sobre o holocausto, na sociedade mundial. No cinema, várias produções utilizaram circunstâncias da Segunda Guerra Mundial e, especificamente, a perseguição aos judeus, como tema. Passando por películas como *A lista de Schindler*, de 1993, dirigida por Steven Spielberg; *A vida é bela...*, de 1997, dirigida por Roberto Benigni; ou *A queda – Os últimos dias de Hitler*, de 2004, dirigida por Oliver Hirschbiegel, o drama humano encenado nos campos de concentração, com seu peso existencial e suas decorrências sociais, bem como elementos motivadores das ações de carrascos ou de vítimas, foram postos em evidência.

Nem sempre os debates que cercaram esses filmes resultaram em uma tomada de consciência mais formal sobre o que constituiu o holocausto e sobre as seqüelas que ele deixou. Como é tradicional no ritmo da indústria cultural contemporânea, onde se mede, antes de mais nada, o resultado de bilheteria e não propriamente a contribuição que esses filmes possam ter para esclarecer opiniões ou melhorar as condições de harmonia e de convívio em sociedade, da polêmica que eventualmente cercou as obras restou pouco conteúdo conclusivo, isso quando não gerava opiniões contraditórias ou constrangedoras. Ainda assim, *A lista de Schindler*, por exemplo, teve o mérito de alertar a população em geral (e especialmente no Brasil, país em que é muito comum o quase total desconhecimento ou descaso sobre a real dimensão do holocausto, em grande parte pela distância espacial – e hoje temporal – dos acontecimentos) sobre a necessidade de repensar o passado para clarear as relações humanas do futuro.

Ao lado do cinema, o mercado editorial de livros também revela um *boom* sobre a Segunda Guerra Mundial. Muito disso se deve, certamente, à passagem dos 60 anos de libertação de alguns dos principais campos, como Buchenwald e Auschwitz, celebrados em 2005, e que motivaram reportagens na mídia em geral. Com isso, obras históricas, memorialísticas, biografias e artigos diversos na imprensa aqueceram as leituras sobre o tema. Não é preciso muito esforço para identificar, dentre os lançamentos, uma sucessão de obras com enfoques díspares, desde os polêmicos manifestos revisionistas, cada vez mais tradicionais especialmente nas nações européias, até estudos que procuram reafirmar a

profundidade dos acontecimentos. Mas, ao mesmo tempo, ganharam luz novas edições e traduções de textos fundamentais e foram divulgadas novas interpretações, à luz da fala de sobreviventes ou da opinião de intelectuais de renome em todas as áreas do conhecimento.

Reaviva-se, portanto, a memória do holocausto, da Segunda Guerra Mundial, dos propósitos dos nazistas, justamente num período histórico, à entrada do século XXI, que vem sendo apontado como limite. A razão para tanto é que, decorridas seis décadas dos eventos em questão, os últimos sobreviventes estão em idade muito avançada. Dentro de poucos anos, não restará mais nenhuma testemunha ocular ou testemunha viva do *Lager*. Se hoje, mesmo com as marcas da perseguição ainda visíveis na pele de muitas pessoas, com a tatuagem de seu número de deportação, revisionistas <sup>2</sup> conseguem negar o holocausto de modo veemente, o que se poderá esperar dessa mesma sociedade dentro de mais alguns anos? Não se colocará essa tragédia, essa verdadeira aberração produzida no seio da sociedade ocidental como uma mera... ficção? Como um conto fantástico, ou de horror, mas fruto apenas da imaginação de certos escritores imaginativos?

Por mais incongruente que uma abordagem dessas possa afigurar-se, a verdade é que a negação dos fatos só favorece a opinião daqueles que desejam dar continuidade à discriminação, à perseguição étnica, até mesmo a exclusão de indivíduos e de grupos em ambientes sociais (como os grupos neonazistas e anti-semitas permanecem fazendo em várias nações européias, nos Estados Unidos, no Canadá e, inclusive, na região Sudeste do Brasil). Por isso, todo esforço e toda tentativa para advertir, para fazer lembrar, para fixar a real dimensão histórica, social

---

<sup>2</sup> Os “revisionistas” são representantes das mais diversas áreas sociais e do conhecimento que de algum modo negam a ocorrência do holocausto e a existência dos campos de concentração, com o extermínio em massa, por parte dos nazistas, de milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial. Essa corrente de tempos em tempos, ao longo das últimas décadas, tem registrado alguma manifestação de pessoa que não concorda ou diz não acreditar nas informações históricas relacionadas ao holocausto. Esse comportamento, ou essa postura cética e claramente contrária aos fatos visíveis e documentados. Milhões de pessoas, comunidades, cidades inteiras, bairros inteiros de grandes cidades da Europa, principalmente de judeus, desapareceram durante o conflito e nunca mais voltaram para casa; as instalações dos campos de concentração continuam em vários locais da Europa para todos que quiserem visitá-las; os sobreviventes deixaram seus relatos sobre o terror vivenciado. Para maiores informações sobre a ação desses grupos “revisionistas” e sobre os perigos que suas manifestações trazem, de maneira explícita, como riscos à memória e, por extensão, como veículo para a repetição dos fatos, sugere-se consultar o livro *Os assassinos da memória*, de Pierre Vidal-Naquet (Campinas: Papirus, 1988). Para leitura complementar, sugere-se o volume *Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo*, organizado por Luis Milmann (Porto Alegre: Sulina, 2004).

e existencial do holocausto devem ser considerados válidos, quase uma tarefa ética do indivíduo de todas as idades.

Tomar contato com os escritos e com os depoimentos deixados pelos sobreviventes é razão suficiente para mudar radicalmente a perspectiva de formação e o olhar pessoal sobre a vida e sobre a sociedade. Os questionamentos nascidos no decurso das leituras, a própria re-elaboração de valores e de panorama de vida, permitem que se diga que a literatura testemunhal sobre o holocausto configura uma das heranças mais dolorosas que essa geração, a geração que viveu na pele o drama da perseguição nazista, poderia deixar para o futuro. A literatura de Jorge Semprun insere-se dentro desse contexto, acrescenta páginas decisivas, únicas, diferenciadas, a esse imenso acervo. Sobre esse material, de tom autobiográfico, de tom filosófico, mas principalmente de tom humano, é que o presente estudo se debruçará.

Ao fazê-lo, como pesquisador, estaremos estendendo uma ponte entre dois momentos de nossa própria vivência, em que a simples visita a Buchenwald constituiu um divisor de águas. As inúmeras reflexões que a paisagem da Turíngia motivou desencadearam um processo de formação pessoal e humana, que se condensa e se aglutina sob a forma das páginas dessa dissertação.

Para tanto, essa pesquisa adotará a seguinte estrutura. Num primeiro momento, procura-se fazer um resgate de reflexões importantes relacionadas à literatura e à escritura de cunho testemunhal, recuperando a contribuição de intelectuais que situam diversas vertentes da autobiografia, principalmente voltados ao fato maior que constitui o pano de fundo dessa pesquisa: o holocausto, ou o advento dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Num momento seguinte, detalha-se a vida e a obra de Jorge Semprun, o que motivará a leitura e a análise mais aprofundada de sua produção literária. Com isso, estará criado terreno para investigar o papel da memória em obras de sobreviventes do holocausto, salientando contribuições dos mais variados campos do conhecimento na interpretação e na recepção merecidas por esse evento na história da humanidade.

Mais adiante, de posse desse material bibliográfico, procede-se à leitura e à reflexão sobre a obra de Semprun, centrando a atenção sobre os textos disponíveis em traduções para o português do Brasil, particularmente dos romances diretamente relacionados à sua vivência em Buchenwald: *A grande viagem*, *Um belo domingo*, *A escrita ou a vida* e *O morto certo*. Essa abordagem estará atenta a importância fundamental que a literatura, seja enquanto veículo de leitura, seja enquanto conhecimento da vida e da obra de autores fundamentais para o universo artístico do século XX, sempre teve para Semprun, inclusive durante seu período de deportação para Buchenwald.

No capítulo 5, aborda-se a problemática existencial do sobrevivente, que precisa aprender a dar continuidade à sua vida mesmo trazendo consigo a memória de um trauma sem precedentes. Já no capítulo 6, a explanação tem por meta elucidar o que vem a ser a “poética da memória” de Semprun, o estilo pessoal de Semprun de lidar com lembranças de Buchenwald, experiência que pode iluminar a obra de outros autores da chamada literatura de testemunho. Por fim, com as considerações finais, procura-se abarcar o significado particular da obra de Semprun no contexto dessa literatura testemunhal sobre o holocausto, situando o autor no panorama da literatura europeia e global da atualidade.

## 1 VOLTAR A SI

Dois anos de eternidade glacial, de intolerável morte separavam-me de mim mesmo. Será que eu regressaria a mim mesmo, um dia? À inocência, fosse qual fosse a preocupação de viver, de uma presença transparente para si mesmo? Seria eu para sempre aquele outro que atravessara a morte? que dela se nutrira? que nela se desmanchara, se evaporara, se perdera?

Jorge Semprun, *A escrita ou a vida*, p.108

A reflexão sobre a experiência da deportação para campos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, como de resto toda a experiência que envolva a exposição ao extremo, de certo modo conduz a um questionamento, doloroso, mas inevitável, sobre a própria condição humana. Séculos de viagens, de interação, de aperfeiçoamento tecnológico e de expansão da consciência através das artes, dos estudos da *psyqué* ou da própria história em torno da presença humana na Terra parecem, nessas horas, ter servido para muito pouco. Ser social por excelência, carente de afeto e de ternura, sempre ansioso por sentir-se aceito e admitido em clã familiar, numa comunidade ou numa Nação, o homem, simultaneamente, deixa-se conduzir por sentimentos baixos, de exclusão, de discriminação, de rancor, de ódio.

Dentro desse cenário, as reações e os sentimentos de quem sofre a agressão ou de quem se sente rejeitado, perseguido, desprezado costumam inaugurar novas perspectivas sobre a dor e sobre o desespero. Confrontado com seus medos e com seus terrores, com suas frustrações e suas desilusões, o ser humano acabou elaborando algumas das mais vigorosas obras de protesto, ou de testemunho.

Poucos momentos na história da humanidade talvez tenham sido tão profundamente dolorosos em termos de revelações sobre as mazelas do comportamento humano como a Segunda Guerra Mundial. Enquanto dezenas de nações viram-se envolvidas num conflito sem precedentes, que ultrapassava em muito as características bélicas da Primeira Guerra Mundial, deflagrada entre 1914 e

1918, pelo aparato técnico de que se lançou mão, o confronto passou do terreno do combate entre soldados para um outro contexto: o da eliminação programada da população civil. Os nazistas, sob o comando de Hitler, aliam sua ideologia totalitária e seu ímpeto de dominação de toda a Europa a um novo elemento, o da franca rejeição, no seio da sociedade, a alguns grupos humanos, marcadamente judeus, negros, idosos, deficientes físicos e mentais, ciganos.

Os campos de concentração foram uma medida extrema adotada pelos nazistas para levar a termo seu propósito genocida. Com o acirramento do conflito e à medida que os nazistas ampliavam seu domínio sobre novas nações européias, milhares de pessoas foram sendo conduzidas para os *Lager* instalados em diferentes regiões da Europa, marcadamente no território da própria Alemanha e da anexada Polônia. Não apenas judeus – em comunidades, cidades, regiões inteiras –, mas outros indivíduos indesejados, que não se inscreviam no perfil da população admitida pelos nazistas, foram sendo deslocados para esses campos.

O escritor espanhol Jorge Semprun viveu essa experiência. E é sobre a sua memória desse tempo, sobre o seu esforço autobiográfico para registrar as lembranças desse período, em que presenciou muito de perto a morte, que procuraremos nos debruçar. Em seus livros, transparece um impulso muito autêntico, único, pessoal, de trabalhar com a memória em forma de escritura. A esse artesanato peculiar de Semprun denominamos “poética da memória”, evidenciada como a maneira pela qual as suas lembranças são estruturadas, sob o arcabouço da ficção, mas com uma carga de verdade talvez poucas vezes identificada mesmo nos livros de história. A obra de Semprun, associada à sua experiência de sobrevivente dos campos de concentração, é uma tentativa, sempre renovada, de restabelecer os fios mais resistentes da vida e de dar sentido àquilo que, em primeira instância, carece de qualquer sentido.

## **1.1 A vida como uma obra**

Eu estava vivo, não poderia dizer mais nada, além disso, se alguém me pedisse para expressar o que sentia.

Jorge Semprun, *A segunda morte de Ramón Mercader*

A obra do espanhol Jorge Semprun, nascido em 1923, é referência fundamental para quem pretenda estudar a complexidade da vida nos campos de concentração mantidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Militante da esquerda espanhola, exilado em Paris, em 1943 Semprun foi preso pela Gestapo e deportado para o campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha. Durante dois anos, viveu sob as condições desumanas a que os nazistas submetiam os presos, das mais diversas nacionalidades e com as mais diferentes motivações políticas, étnicas ou exclusionistas. Após a libertação do campo pelas tropas aliadas, em abril de 1945, Semprun retornou à França e, como tantos outros intelectuais, procurou, dentro do possível, restabelecer a sua vida.

Em vários de seus romances, a começar por *A grande viagem*, cuja edição original é de 1964, volta-se para essa experiência de deportado, da qual nem ele nem outros intelectuais que vivenciaram essa época conseguem se desligar. Em entrevista publicada no suplemento dominical do jornal *El País*, em 5 de junho de 1994, Semprun afirma: “A única coisa que sou de verdade é um deportado”. Expressa, assim, o quanto a lembrança e as histórias de Buchenwald continuaram vivas em sua memória e em seus pensamentos.

A interpretação ou a busca de entendimento sobre as condições sociais, morais, econômicas, políticas ou humanas que possibilitaram essa perseguição desenfreada, materializada nos campos de concentração, perpassa a obra de muitos escritores, intelectuais que deixaram marcas profundas sobre o pensamento ocidental na segunda metade do século XX. Nos mais diversos relatos, fica nítido que, para os sobreviventes, comunicar, compartilhar, traduzir em palavras (oralmente ou por escrito) a vida dentro dos campos tornou-se quase impossível. Não havia parâmetros aos quais apelar para descrever tamanho horror.

O filósofo Seligmann-Silva, talvez a principal voz contemporânea, no Brasil, a investigar a assim denominada “literatura de testemunho”, analisa da seguinte

maneira o impacto que o holocausto teve sobre a própria capacidade e as possibilidades de interpretação, ou de representação, de fenômenos (sociais, antes de mais nada) desse porte:

Esse evento limite, a catástrofe, por excelência, da Humanidade e que já se transformou no *definiens* do nosso século, reorganiza toda a reflexão sobre o real e sobre a possibilidade da sua representação. Busca-se agora uma nova concepção de representação que permita a inclusão desse evento. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 75)

Jorge Semprun – como o fizeram e fazem Imre Kertész, Primo Levi, Elie Wiesel, Saul Friedländer, Aharon Appelfeld, Janusz Korczak, Ruth Klüger, entre outros – lança mão da sua capacidade de domínio das técnicas da narrativa para retomar esse histórico pessoal e coletivo. Assim, em *A Grande Viagem*, narra as circunstâncias que marcaram a sua transferência, de trem, de Paris para Buchenwald, os medos, os choques, as agruras e o primeiro impacto da realidade do campo.

Posteriormente, voltaria ao tema com *Um belo domingo*, romance que é considerado sua obra máxima, em que reflete de maneira aguda sobre o período de quase dois anos em Buchenwald, proporcionando um olhar cultural e extremamente comprometido com os milhares de pessoas que conviviam no mesmo drama. Em *A escrita ou a vida*, empreende uma reflexão muito aguda, serena, sobre as dificuldades e a complexidade de comunicar ao interlocutor ou de fazê-lo compreender tudo o que estava implicado e envolvido na atitude nazista.

Mais recentemente, concentrou sua atenção em um fato singular de sua trajetória em Buchenwald, e que traduziu no romance *O morto certo*, lançado originalmente em 2002. A situação narrada é profundamente tocante e ao mesmo tempo dolorosa: Semprun (que, dentro do campo de concentração, atuava sediado no *Arbeitstatistik*, espécie de escritório central responsável pelas mórbidas estatísticas de chegadas e “saídas” de pessoal em Buchenwald), fica sabendo, através de outros membros do Partido Comunista Espanhol, do interesse dos dirigentes nazistas, em Berlim, por sua pessoa.

Temerosos quanto às intenções dos nazistas, os líderes comunistas espanhóis, que mantêm uma organização clandestina no *Lager*, armam uma estratégia para preservar Semprun. Os líderes dos chamados *Rotsparnier* (vermelhos espanhóis) decidem localizar, no ambulatório do campo, um moribundo que, ao morrer, pudesse assumir o nome e a identidade de Semprun, de modo que este desaparecesse das estatísticas, mas pudesse seguir vivendo a salvo. Essa decisão, e a sua circunstância existencial, tem impacto muito forte sobre Semprun, mexendo com suas emoções e com seus princípios.

Numa clara e revolucionária postura intratextual (num grande hipertexto), os romances de Semprun costumam dialogar constantemente entre si, em eventos, enredos e planos de discurso, de modo que esse mesmo fato – o do morto que assume o seu lugar, em Buchenwald – liga-se a uma solução narrativa de *A grande viagem*: nesse seu romance de estréia, por uma manobra de sua criação literária, Semprun cumpre o tenebroso percurso de trem até o campo de concentração ao lado de um personagem identificado como “o rapaz de Semur”, numa espécie de homenagem afetiva, ou humana, ao menino que, em Buchenwald, morreria com seu nome.

A literatura de Semprun guarda marcas muito particulares, muito próprias, no estilo de narração, no posicionamento e no mergulho pessoal, na complexidade da narração, no tratamento *sui generis* dado ao tempo e ao espaço, que o transformam em uma das vozes mais originais e mais sutis da literatura mundial na atualidade. Com sólida formação, que perpassa a filosofia, a sociologia, a antropologia, a tradição literária europeia e americana (seja da América do Norte, seja da América Latina), apoiado ainda em seus amplos conhecimentos do cinema e do teatro, Semprun molda narrativas complexas, permeadas de referências a obras, a autores, a temáticas e a circunstâncias históricas, sociais e culturais tanto do século XX como de épocas anteriores.

Dos romances de Semprun, sobressai especialmente a humilhação representada por essa espécie de “morte antecipada”, a que se refere o sobrevivente. Aliado do passado e do futuro, resta a insegurança de um presente frágil: “Fazia dois anos que eu vivia sem rosto. Nenhum espelho em Buchenwald”,

declara logo no princípio de *A escrita ou a vida* (1995, p. 13). Suas palavras, sua ansiedade em contar, descrever, narrar, explicar, parecem motivadas por um compromisso para com todos que morreram nos campos. Wiesel dimensionou essa mesma angústia, de não conseguir dizer tudo acerca da perseguição nazista e da verdade do *Lager*: “Confissão de impotência ou de culpa? Não sei. Sei apenas que Treblinka e Auschwitz não podem ser narrados. E, no entanto tentei, Deus sabe que tentei” (1984, p. 11). Mais tarde, Wiesel reforçaria: “Por que escrevo? Para arrancá-los do esquecimento. E ajudar assim os mortos a vencerem a morte” (1984, p. 13).

O holocausto, por ter representado não apenas o drama de várias gerações, mas também por ter alterado drasticamente as relações políticas, históricas e sociais no mundo ocidental, apresenta-se como um tema que merece e requer atenção constante. A obra de Jorge Semprun, que ainda é pouco conhecida e estudada no Brasil, pode permitir uma aproximação com algumas das circunstâncias essenciais desse evento fatídico. Nesse sentido, é de salientar que Semprun não é um escritor propriamente popular no meio acadêmico e cultural brasileiro: nem por isso sua obra é menos reconhecida. Termômetro dessa constatação é o fato de a grande maioria de seus livros terem sido publicados por editoras nacionais, ainda que todos tenham merecido apenas uma primeira edição, pelo menos por enquanto.

No entanto, a obra de Semprun pode ser posicionada ao lado de inúmeros outros escritores referenciais no contexto da literatura de testemunho, a ponto de promover uma releitura das próprias interpretações e dos entendimentos teóricos desta corrente da literatura. Inúmeros estudiosos, a começar por Shoshana Felman, lembram que o advento de vozes pessoais, da decisão de contribuir com um depoimento pessoal sobre uma situação traumática, anormal, ganha novos contextos junto com os sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, a ponto de ter inaugurado um novo gênero textual: a literatura de testemunho.

Ao analisar a obra de vários escritores, dentre os quais Camus e Celan, Felman ressalta o aspecto da *designação*, do contexto que corrobora para que haja o testemunho: “Como estará o ato de escrever vinculado ao ato de *prestar testemunho* – e à experiência do processo? Será o ato de leitura de textos literários em si inerentemente relacionado ao ato de *encarar o horror*”, questiona (FELMAN,

2000, p. 15, grifo da autora). E mais adiante: “Se a literatura é o *alinhamento de testemunhas*, o que significaria este alinhamento? E em razão de que tipo de instância alguém é *designado* para prestar testemunho?” (ibidem, grifo da autora).

Felman nos faz refletir sobre as circunstâncias, pessoais e sociais, que pesam na decisão da pessoa de dar testemunho. Remete a um verso de Celan <sup>3</sup>, citado com freqüência, e que ilustra essa desconfortável situação: “Niemand zeugt für den Zeugen” escreve o poeta alemão em “Aschenglie” [*Glória das cinzas*]. Ou seja: “Ninguém testemunha pelas testemunhas”. O que Celan salienta, pela via crucial da poesia pós-Auschwitz, é a solidão do ato de dar testemunho. Quem fala, fala por si e por todos aqueles que pereceram. Mas suas palavras, sua história, sua perspectiva, o peso de sua decisão, caberão só a ele mesmo e a ninguém mais. A *designação*, de que fala Felman, seria, portanto, o rompimento, a transgressão dos limites da posição isolada, solitária, para interceder “pelos outros e para outros” (CELAN, 2000, p. 16).

É, de certo modo, a complexidade que se verifica no processo de tomada de decisão da maioria dos sobreviventes do holocausto. Logo depois que havia retornado de Buchenwald, confessa Semprun em *A escrita ou a vida*, era enorme sua ansiedade por dizer, por falar, por expressar o impacto dessa experiência traumática. Dentro de pouco tempo, no entanto, começou a constatar o quanto era difícil, complicado, problemático, e até mesmo perigoso, lidar com o tamanho da verdade que precisaria descerrar. As palavras, assim como já havia acontecido com outros escritores, caso de Kertész e de Wiesel, mostravam-se insuficientes, incapazes de descrever o que precisava ser verbalizado.

---

<sup>3</sup> O poeta Paul Celan, cujo nome de batismo é Paul Antschel (sendo que o sobrenome, por anagrama, ele próprio transformou em Celan), nasceu em 23 de novembro de 1920, na cidade de Czernowitz, antiga Bucovina, Romênia, território hoje pertencente à Ucrânia. Filho de judeus de língua alemã, é uma das principais referências líricas da metade do século XX e escreveu toda a sua obra em alemão, justamente a língua dos algozes da sua família. Seus familiares foram assassinados pelos nazistas. Suicidou-se, atirando-se nas águas do Sena, em Paris, em 1970. Em sua poesia, Paul Celan desenvolve temáticas em que refere a perseguição nazista aos judeus e problematiza a questão da sobrevivência ao holocausto. Um de seus poemas mais famosos, *Todesfuge* (“Fuga da Morte”), incluída na coletânea *Cristal*, (São Paulo: Iluminuras, 1999), intensifica essas referências à morte nos campos de extermínio. A poesia de Celan vai se tornando cada vez mais hermética, processo que os críticos costumam associar, metaforicamente, à impossibilidade de traduzir em palavras a degradação sofrida pelo povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Ou seja, a poesia de Celan tenta mostrar, a par de seu gradativo silêncio, a quase incomunicabilidade depois do holocausto. O leitor brasileiro ainda tem oportunidade de conferir parcela da poesia de Celan traduzida por Flávio Kothe em *Poemas* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977) e *Hermetismo e hermenêutica* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; São Paulo: Instituto Hans Staden, 1985).

O perigo estava inclusive em sucumbir, em não suportar o tamanho da violência, do drama presenciado, testemunhado, e que agora deveria ser comunicado. Semprun, num intuito quase de preservação, preferiu calar, sufocar, fugir às lembranças, deixar o passado no passado. Optou por viver, por reconstruir uma realidade que o afastasse, que o mantivesse afastado de tanta morte. Morte que, de alguma forma, fora uma morte também pessoal, pois os seus antigos sonhos, valores, princípios e verdades, existenciais e transcendentais, haviam naufragado. A exemplo do que se referiu anteriormente, foram necessários quase 50 anos para que, então sim, em tom de testemunho, revelasse seu olhar pontual, sério, sereno sobre Buchenwald, e já não mais com um intuito acusador ou de lamento, mas com a firmeza de um sobrevivente a quem a escrita da vida (e não a escrita da morte) haviam convencido.

No percurso para identificar e para analisar a escritura de Jorge Semprun, procuraremos nos valer do aparato teórico oferecido por inúmeros estudiosos. Voltando-nos à temática e à problemática da memória, do testemunho, da autobiografia, direcionaremos essas considerações, ajustando-as ao contexto específico da literatura de Semprun e dos autores identificados com a escrita de sobreviventes. Serão fundamentais, de imediato, as formulações teóricas de Philippe Lejeune (1994) acerca da escrita autobiográfica, direcionando olhares para o que denomina de “pacto autobiográfico”, instância a partir da qual o leitor toma consciência para posicionar-se em relação a uma verdade que, nesse caso, nasce da autonomia, da independência e da soberania de quem narra, de quem assume o controle do ato da narração.

Tomando como referência básica as palavras de Lejeune, mas resgatando a contribuição de diversos teóricos do campo da autobiografia, a professora Alba Olmi (2003) também contextualiza, em seu estudo sobre a obra da escritora neozelandesa Janet Frame, a condição da autobiografia – ou, por extensão, de uma literatura de cunho testemunhal construída ou amoldada no entorno da linguagem literária, com seus recursos e com suas alternativas. Olmi dimensiona a autobiografia como um “gênero impuro”, definição que se justificaria pela multiplicidade de formas que assume e de territórios pelos quais transita, com uma

sem-cerimônia digna da serenidade de um texto que se sabe próximo, justamente, da verdade essencial da vida e, portanto, livre de ter que dar maiores explicações.

As considerações de Olmi serão importantes, no decurso de nossa investigação, para situar a autobiografia ou, mais especificamente, o posicionamento pessoal de um autor num relato, numa narração, em que o que conta, o que será narrado, é ele próprio, a sua vida, o seu método, o seu percurso. A sua ação. E será uma ação delineada, elaborada, conduzida pelo decurso da memória e com a habilidade de domínio formal e estilístico do escritor.

Simultaneamente, com María Zambrano (1995), teremos a oportunidade de resgatar o percurso do ato de confissão, da firmeza pessoal que se exige de quem decide (ou opta por) colocar-se, no caso específico da literatura de testemunho, perante um público, uma platéia, e tentar “dizer-se”, com todos os riscos e com todas as implicações daí decorrentes. Zambrano já havia anunciado a própria confissão como um gênero literário, e é mister reconhecer que conceitos como autobiografia, confissão, testemunho, depoimento, exigem distinções mais agudas, permitindo que, no complexo e vasto terreno da tradição literária e das heranças culturais, mantenha-se um domínio de terminologia mais atinente ao caso Semprun.

Nas palavras de Zambrano, a confissão torna-se uma necessidade a partir do momento em que a vida e a verdade se distanciam. A confissão constituiria, portanto, uma tentativa de o homem se reaproximar da sua verdade, ou, em outras palavras, seria uma via para a revelação da vida. Sob o efeito das reflexões de Zambrano, pode-se retomar, por exemplo, a sensível postura do poeta chileno Pablo Neruda em seu lírico relato autobiográfico *Confesso que vivi* (1987). A confissão de Neruda vai muito além de qualquer postura autopromocional ou de qualquer laivo de vaidade pessoal. De certo modo, o título do livro de Neruda é a síntese perfeita do gesto, ou da atitude, configurada em cada texto autobiográfico, em cada testemunho, em cada depoimento: a confissão de uma existência, de uma pequena chama na fogueira das paixões humanas.

A confissão, cita Zambrano, envolve uma esperança: de uma expectativa que ultrapassa a vida individual, uma espécie de crença de que a verdade está mais

além da vida. Ao confessar, o indivíduo busca, através da linguagem, ligar-se à essência da vida. “Todos os que fizeram o relato de sua vida em torno da confissão partem de um momento em que viviam deslocados da realidade, em que viviam esquecidos”, refere Zambrano (1995, p. 41). Em seguida, posiciona a importância da memória no processo confessional:

Para a vida, conhecer é sempre recordar e toda ignorância aparece sob a forma do esquecimento. Talvez, porque a memória seja a maneira de conhecimento mais próxima da vida, a que lhe traga a verdade na forma em que possa ser consumida por ela, como apropriação temporal. [...] A memória seria a sede deste conhecimento, deste encontro com a realidade total, porque já então nela não haveria recordação nem esquecimento, somente presença. (ZAMBRANO, 1995, p. 41)

Também será oportuno, no processo de investigação da memorialística de Jorge Semprun, atentar nas palavras de Tzvetan Todorov, teórico da linguagem e da literatura que, a par de sua experiência pessoal, pensa o “desenraizamento”: o homem que, especialmente em decorrência da Segunda Guerra Mundial, se torna um cidadão do mundo, deixando sua terra para fixar-se em outras nações, num processo às vezes doloroso, sempre emblemático, de desconstrução e reconstrução da identidade.

Todorov debruça-se sobre a obra e sobre a história de vida de inúmeros escritores e intelectuais cuja trajetória, incluindo a perseguição e o confinamento em campos de concentração, levou a uma interpretação radical da condição humana e da organização em sociedade. Essa leitura pessoal de perfis individuais, que na verdade revelam o percurso de uma experiência cujos frutos amargos são provados pela coletividade (dos *Gulags* <sup>4</sup> soviéticos aos *Lagers* nazistas, sem nunca esquecer

<sup>4</sup> Os *Gulags*, similares aos *Lagers* nazistas, foram introduzidos por Stálin na União Soviética, utilizando esses campos (a princípio chamados de “campos de reeducação”) para recolher neles os inimigos do sistema. A exemplo dos *Lagers* nazistas, os *Gulags* foram verdadeiras máquinas de assassinar pessoas, tendo sido montados em vários lugares da União Soviética. Na verdade eram campos de trabalhos forçados, mas seu objetivo prático era eliminar os inimigos do sistema. De acordo com os autores que se referiram a esse tema, pelos *Gulags* teriam passado cerca de 66 milhões de pessoas. O termo *Gulag*, na verdade, é a sigla, ou a abreviação, para Administração Geral dos Campos. Há um sem-número de obras essenciais que remetem às condições de vida e à violência existentes dentro dos *Gulags*, a começar pelo monumental ensaio *Arquipélago Gulag*, de Alexandre Soljenítsin (São Paulo: Circulo do Livro, 1975), mesmo autor de *Um dia na vida de Ivan Denissovich* (São Paulo: Circulo do Livro, 1973), obra esta tão cara a Jorge Semprun, e que constitui um dos principais intertextos de *Um belo domingo*. A importância dos textos de Soljenítsin foi reconhecida em todo o mundo, a ponto de ter sido concedido a ele o Prêmio Nobel de Literatura de 1970. Outro depoimento referencial sobre os *Gulags* está no volume *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalamov, com o qual Semprun também dialoga em profundidade nas páginas de *Um belo domingo*. Soljenítsin, por sinal, reconhece nas páginas iniciais de *Arquipélago Gulag* o quanto a leitura de Chalamov, e em especial dos *Contos de Kolimá*, foi determinante para

as variantes contemporâneas de uma índole humana totalitária e persecutória sem fim), Todorov a sintetiza na expressão que dá título a um de seus livros: *Memória do mal, tentação do bem*.

Em outras palavras, ressalta Todorov, a memória, os relatos que os sobreviventes deixam para a posteridade, em textos ansiosos e de ritmo sôfrego, pasmo, são uma “memória do mal” que o homem pratica contra o homem – mesmo que a tentação, em todas as circunstâncias, se revista da tentativa de fazer o bem. As implicações do uso que será feito do material da memória, do que se recorda e do que se deixa como registro, será tema de um pequeno ensaio de Todorov, *Los abusos de la memoria* (2000). Nesse volume, reflete justamente sobre os riscos sempre existentes de que os fatos lembrados, ou a possibilidade de um olhar de um futuro em relação a um passado, ao evento transcorrido, sofram abusos de toda ordem.

Há, como enfatiza Todorov, de um lado, a preocupação de quem não quer deixar que fatos ou situações caiam no esquecimento e, portanto, sob a pressão natural desse esforço, dessa ansiedade, atribua ao passado um valor e um significado definitivamente fora de seu contexto (portanto, fora da verdade da vida). De outra parte, há a reação contrária de todos aqueles que querem, sim, que o passado seja deixado como está, e que enfim se assuma o presente como uma “estaca zero”. É, por sinal, uma postura com essa tonalidade que defende o teórico inglês Adam Philipps (2005), cujos artigos têm remetido para a compreensão de que a “memória forçada” (expressão de sua autoria) deturpa e compromete a isenção na leitura dos fatos. Mas Todorov adverte: igualmente pernicioso, essa tentativa de deixar o passado como está e guiar-se pelas marcas do presente pode acarretar, no decurso do futuro, o risco da incorreção nos mesmos erros, nas mesmas falhas, nas mesmas ousadias. Nem esquecer totalmente, nem lembrar exaustivamente, parece ser o alerta de Todorov.

Ao nos voltarmos para a obra de Jorge Semprun, por outro lado, será imprescindível investigar as implicações filosóficas evidenciadas em seus romances e em sua obra de cunho memorialístico. Assim, embora tenha vivenciado a

---

suas pesquisas acerca da estruturação desses campos, abrangendo o espaço de tempo de 1918 a 1956.

experiência dos campos de concentração na condição de preso político (como comunista espanhol), Semprun não foi insensível à verdade da perseguição étnica sofrida especialmente pelos judeus e, ainda, por inválidos, deficientes, idosos, mulheres, crianças e toda sorte de pessoas indesejáveis sob a ótica dos nazistas. Semprun tem a consciência de que, pelas agressões e pelas circunstâncias de desumanidade que presenciou, seu depoimento, seu testemunho, assume igualmente – em conjunto com as vozes de outros deportados, como Wiesel, Kertész, Levi, Antelme e tantos outros – o contexto de uma “memória coletiva”.

Essa expressão na verdade remete ao título de um livro de Maurice Halbwachs (2004), professor francês de Filosofia em relação ao qual Semprun viveria, no *Lager*, uma das mais emblemáticas histórias de amizade e de respeito humano passíveis de se conhecer. Halbwachs fora professor de Semprun em Paris antes que ambos fossem presos e colocados nas mãos dos nazistas. Ironicamente, ambos se reencontram em Buchenwald, e o antigo mestre logo cai enfermo, presa da disenteria. O jovem Semprun vai visitá-lo regularmente no ambulatório e murmura alguns versos no ouvido de Halbwachs quando este deixa a vida.

Essa passagem, que Semprun relata de maneira tocante e serena em *A escrita ou a vida*, é referida em seu aspecto paradoxal por Harald Weinrich (2001), num importante estudo acerca do papel do tratamento literário e filosófico reservado à memória e ao olvido, *Lete: arte e crítica do esquecimento*. A ironia do destino está no fato de que competiria a Jorge Semprun e a outros sobreviventes preservar, coletivamente, a memória da morte de Halbwachs, justamente o intelectual que tanto enfatizara a importância da “memória coletiva”, isto é, da verdade do passado sendo construída por muitas mãos (ou, para ser mais exato, por muitas cabeças), indefinidamente. Weinrich ajuda a ampliar a fortuna crítica sobre a literatura de Semprun, da qual também não se pode excluir um interessante artigo teórico assinado pelo psicanalista Néstor Braunstein (s/d), intitulado *Sobrevivendo ao trauma* (“Surviving trauma”).

Braunstein recorda, especialmente, o quão é complicado e doloroso para o autor-testemunha lidar com os fatos, as informações, os elementos relacionados à experiência traumática (no caso dos deportados em campo de concentração,

naturalmente, a constante ameaça à vida e a obrigatoriedade de presenciar agressões de toda ordem). Ao mesmo tempo, reconhece (e nisso cita o exemplo de Semprun) o esforço de superação desse mesmo trauma quando ocorre a decisão, ou a lenta caminhada rumo à formalização do testemunho – que pode vir, no caso de Semprun, pela via da ficção literária, cujos recursos proporcionam uma maior liberdade e uma maior autonomia na estruturação do enredo, ou ainda sob a forma do testemunho convencional, das memórias pontuais do cotidiano no campo de concentração.

Por fim, não haverá como dispensar as contribuições do filósofo e intelectual brasileiro Márcio Seligmann-Silva, professor da Unicamp, cuja produção ensaística tem se voltado para a problemática dos testemunhos sobre o holocausto, do esforço (bem ou mal-sucedido) de “representação” (de re-presentação) dessa e de outras catástrofes na história da humanidade; da interpretação desses relatos e dessas circunstâncias. Estudioso da obra de Walter Benjamin (intelectual de renome perseguido pelos nazistas que apelou para o suicídio quando o cerco sobre sua pessoa se fechava), Seligmann-Silva, num olhar que o aproxima de Braunstein, conceitua a história como trauma, justamente a partir do peso de um legado filosófico, existencial e humano carregado de dores, de angústia, de solidão.

Seligmann-Silva cunhou uma expressão sintomática para definir os sucessivos depoimentos dos sobreviventes: uma colcha de “retalhos da memória”, em que cada parcela, com seus tons específicos e seu formato singular, preenche um espaço na totalidade momentaneamente possível da compreensão sobre o fenômeno em questão – no caso da obra de Semprun, o holocausto, suas implicações e suas decorrências. Ao analisar a história como trauma, situando a *shoah*<sup>5</sup> no centro desse território, Seligmann-Silva aponta para a angústia decorrente da necessidade e da possibilidade de representação do que foi ou do que se compreende a partir desse evento-limite, esse evento sem parâmetro, sem referencial em relação ao qual estudá-lo ou analisá-lo.

---

<sup>5</sup> O termo hebraico *shoah* vem sendo empregado por muitos escritores para denominar o assassinato de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. É, de certo modo, um sinônimo para holocausto, usado pela primeira vez por Elie Wiesel, e que, dentro da concepção de vários autores, não é apropriado para definir esse assassinato em grande escala, diante da conotação de “mártir” que ele atribui a essas mortes. Autores como Márcio Seligmann-Silva (2000) defendem a adoção do termo *shoah*, que dá a conotação de *catástrofe*, embora esse conceito também não seja consensual entre os historiadores.

Ao lado desses teóricos, sobressaem as reflexões agudas de Sartre (1995) relacionadas à perseguição específica sofrida pelos judeus. Sobre estes, o ódio nazista explodiu em toda intensidade na chamada “solução final”, de dizimação racial. Há a considerar, por outro lado, a contribuição de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, formulada no ensaio *O mito nazista* (2002), em que esses autores investigam as possíveis causas originais para o aterrorizante modelo de dominação e de verve racista dos nazistas. Por fim, o presente estudo também implicou em pesquisa mais aprofundada sobre os elementos e sobre os fatos relacionados ao evento da Segunda Guerra Mundial, dimensionando seu impacto na história da civilização ocidental, na reestruturação política, social e territorial da Europa e nos rumos da humanidade. Nesse processo, foram utilizados diversos estudos históricos e relatos de importância reconhecida, como a recente tradução brasileira, sob o título de *A assustadora história do holocausto*, da elogiada obra do americano Michael Marrus (2003).

Historiador de renome, Alain Finkielkraut (1998), autor de *A humanidade perdida: ensaio sobre o século XX* e *A ingratidão: a relação do homem de hoje com a história*, entre outros títulos referenciais, diz que a Segunda Guerra Mundial implodiu o pensamento, deixando o ser humano à mercê da insegurança e da incerteza sobre a sua própria essência. A caminhada histórica, caracterizada como um avanço regular na direção do futuro, este compreendido como um estágio de maturidade e de aperfeiçoamento perde totalmente seu efeito. A humanidade perdida de Finkielkraut é aquela que, com Jorge Semprun, pergunta: por que as coisas tiveram que ser assim? Por que a sociedade, toda a sociedade, permitiu que elas fossem assim?

Pergunta semelhante formula-se o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, outro intelectual importante no contexto de avaliação dessa amarga herança que o Holocausto constitui para a civilização ocidental. Bauman talvez tenha sido um dos que mais pontualmente acolheu esse tema desconfortável no território da sociologia, deixando claro que o trauma e o choque existencial, representados pela perseguição e pelos campos de concentração em toda a Europa, deve ser, o quanto antes,

analisado a partir dos conceitos e das considerações das mais diferentes áreas do pensamento.

Num livro logo essencial, *Modernidade e holocausto* (1998), Bauman cobra o empenho de todos os campos do saber para buscar compreender como a modernidade pôde gestar o holocausto e de que modo esse evento marca, definitivamente, esse estágio da história da civilização que se convencionou denominar de “moderno”. Nesse processo de análise e de compreensão, torna-se imprescindível também rever a obra teórica e documental de Hannah Arendt, particularmente *As origens do totalitarismo* (1989) e *Eichmann em Jerusalém* (1999), e as investigações filosóficas de Martin Heidegger (2005), em especial os dois volumes de *Ser e tempo*, que tão profundamente marcaram o próprio Jorge Semprun.

Porém, mais do que nenhum outro autor, seja na teoria ou na ficção, é à obra de Jorge Semprun que cabe analisar para empreender um estudo acurado acerca da memorialística do holocausto. Em mais de uma dezena de livros, Semprun traduz seu olhar sobre a sociedade europeia e ocidental em pontuações carregadas de tom pessoal, ou incorporadas à narrativa, com uma firmeza e com uma convicção surpreendentes. Ao mesmo tempo, explora as vias da ficção para construir painéis sociais marcados pelo paradoxo, pela marca do inesperado, pela angústia, muitas vezes pela nostalgia de dias melhores. Sob os mais diversos enredos, sempre situados numa atualidade latente e identificados com o mundo no qual Jorge Semprun se movimentou e com as pessoas (reais, históricas ou criadas pela imaginação dos escritores) que lhe cativaram, que lhe exigiram a atenção.

O evento do holocausto, a experiência da deportação em Buchenwald, os lampejos de memória que o remetem, nos momentos mais inesperados e às vezes inoportunos, ao *Lager*, estão presentes, disseminados, diluídos nos vários romances de Semprun. Por essa razão, mais do que debruçar-se exclusivamente sobre os quatro títulos mais diretamente identificados com a temática do testemunho ou das lembranças associadas a Buchenwald, cumpre ler a obra de Semprun, buscando, na síntese, a essência de quem foi e de quem é esse escritor, talvez um dos homens mais representativos da literatura contemporânea no contexto mundial.

## **2 O HOMEM E A OBRA**

A obra de praticamente todos os escritores sobreviventes que vivenciaram a experiência da reclusão em um campo para deportados (seja o *Lager* nazista, o

*Gulag* stalinista ou as manifestações contemporâneas de índole totalitária, cujas mazelas são visíveis em diferentes partes do mundo), em maior ou menor grau volta-se à leitura das cicatrizes que esse período deixou em suas vidas – e é perfeitamente compreensível que assim seja.

O confronto com essa situação limite em seus relatos memoriais – orais, escritos ou traduzidos nas mais diversas formas de expressão, como o cinema, a pintura ou a escultura – obriga a uma tentativa de restabelecer um rumo radicalmente interrompido na vida anterior. Obriga, ao mesmo tempo, a uma ansiosa comunicação da experiência vivida, diante da constatação e da consciência de que essa mesma comunicação pode ser importante, pode transmitir alguma “lição” de vida para os outros.

A obra de Semprun, entretanto, guarda ainda algumas particularidades impressionantes, quando comparada à história pessoal de diversos outros sobreviventes, muitos dos quais deixaram testemunhos únicos, de uma carga de vivência inquestionável e de uma sutileza de olhar retroativo e humano enternecedores. Quando se pensa, por exemplo, em depoimentos como os de Primo Levi, de Imre Kertész, de Elie Wiesel ou de Robert Antelme, apenas para citar alguns dos principais expoentes dessa geração destroçada, fica evidente que aquilo que se concebe como literatura, com o caldeamento entre vida e arte, com a radicalização da expressão escrita e do seu significado referencial, nunca mais poderia ser o mesmo depois do surgimento de seus textos.

Cada qual a seu modo, transparecendo a sua própria história pessoal, que delimita ou distende seu olhar sobre os campos e sobre o impulso totalitário do governo de Hitler, eles registraram sua angústia e sua inquietação com a experiência do campo: Levi, como um intelectual nato, químico por formação, foi o primeiro a se manifestar, em seu *É isto um homem?* (1988). Kertész, mais tarde, também foi impelido a dar testemunho pela ficção, em uma obra enigmática e paradoxal; em Wiesel transparece, sobretudo, a sua condição de judeu, e a sua literatura volta-se a prestar contas do porquê dessa perseguição cruel e incisiva à gente de sua raça, a tal ponto que a obra de Wiesel chega a ser um libelo mais em favor da necessidade de repensar o comportamento anti-semita de muitos povos, de

muitas nações e de muitos governos do que, exatamente, a admissão de uma tentativa de compreensão do que houve e do que motivou o holocausto.

Basta lembrar que Wiesel foi um dos primeiros a adotar o termo “holocausto”, cujo significado – até um tanto equivocadamente – remete à “martirização” dos judeus, quando na verdade, na grande maioria dos casos, não houve essa pretensão; pelo contrário, esse comportamento sequer teria sido possível diante da grandiosidade e da extensão da matança. Antelme, por sua vez, foi estimulado a repensar a condição humana em seu depoimento sobre a experiência de sobrevivente.

Nesse contexto, o que afinal diferencia a obra de Jorge Semprun? O que o particulariza em relação a seu olhar sobre a condição de deportado – que o impele a dizer, em uma entrevista, a título de síntese do que significa a sua vida, que “sou um deportado de Buchenwald” (*El País*, 19 de maio de 2001)<sup>6</sup>. Mais do que um deportado, Semprun talvez esteja na condição, se não única, mas muito peculiar, de ter passado por duas experiências totalitárias e talvez as duas manifestações de maior radicalização do século XX, como bem lembra Tzvetan Todorov em *Em Face do Extremo* (1995): a do Nazismo, como deportado e sobrevivente, e a – imediatamente posterior – do Comunismo, como militante e integrante do alto comando do Partido Comunista Espanhol (PCE).

Além da memória das agruras enfrentadas em Buchenwald, outra parte essencial da obra de Semprun dedica-se a depurar o que significou para ele ter sido preterido dos quadros do partido, expulso que foi por manifestar pensamentos contrários às orientações de Santiago Carrillo e La Pasionária, particularmente esses dois, dirigentes supremos do PCE. A sua expulsão desencadeou uma forte e minuciosa reflexão sobre os perigos que uma postura política como a do Comunismo significava para a sociedade. Esse olhar foi sobretudo autorizado pelas fortes revelações que tiveram lugar no XX Congresso do Partido Comunista, quando o comportamento, as atitudes e as diretrizes do Stalinismo vieram a público. E esse olhar paradoxal de Semprun, de apontamento dos graves atos cometidos pelos

---

<sup>6</sup> *Soy un deportado de Buchenwald*. As entrevistas concedidas por Semprun a jornais e a emissoras de rádio e de televisão costumam ser muito reveladoras em relação à sua obra e às suas lembranças de Buchenwald, constituindo, por si só, leitura essencial a todo estudioso sobre o tema.

nazistas de um lado e dos equívocos malditos do stalinismo por outro, é dosado, no autor espanhol, por sua ampla formação filosófica e por seu espírito humanitário, de intuito ético e moral.

A história de Jorge Semprun Gurrea tem início em 1923, quando nasce, a 10 de dezembro, em Madri, filho de um ministro da República e no seio de família com tradição na política, bastante estável em termos financeiros e que preserva uma vasta cultura. Mesmo esses primeiros anos de vida, ainda em Madri, são referidos de maneira recorrente em vários dos seus romances, com reminiscências em relação a seu avô, Antonio Maura; a seus parentes e a outros personagens importantes na cena da época. Com a tomada do poder por Franco, a família vê-se na obrigação da fuga às pressas, e os Semprun atravessam a fronteira de noite, dirigindo-se para o estrangeiro.

Durante algum tempo se estabelecem em Haia, na Holanda, de onde o pai de Jorge Semprun permanece em contato com os republicanos exilados. Mais tarde, a família muda-se para Paris, que passa a ser, então, a outra metade da paisagem pessoal e cultural de Jorge Semprun, para sempre um madrilenho parisiense, ou um espanhol francês, nessa mescla e inserção em duas culturas de tão fortes raízes na história, na política, na filosofia e em praticamente todas as áreas do saber e do viver.

Adolescente na França, Jorge Semprun começa a acompanhar o desenrolar da Guerra Civil na Espanha e certamente as próprias tendências políticas dos seus familiares influem para que lapide seus intuitos humanitários e em defesa da liberdade, francamente contrários a qualquer forma de opressão dos impulsos democráticos. Depois de concluir os estudos elementares, já dominando perfeitamente o francês, Semprun passa a cursar Filosofia na Sorbonne, onde terá entre os seus professores o filósofo Maurice Halbwachs, estudioso da formação das classes sociais e igualmente do papel da memória coletiva na formação do imaginário pessoal. Halbwachs posteriormente, já em Buchenwald, ambos deportados, renderá uma das situações de maior impacto emocional para o jovem Semprun.

Mas é a sua entrada para o quadro da Resistência dos franceses ao avanço das tropas de Hitler que determinará a guinada definitiva de Semprun em sua formação política e pessoal. Enquanto se dedica, ao lado de colegas e amigos, a leituras de filósofos como Heidegger, Kant e outros pensadores discutidos nas salas de aula de Filosofia, Semprun começa a participar ao lado de seus colegas de Resistência de ações no interior da França, minando postos dos quadros de Hitler.

Aos 19 anos, acabará caindo nas mãos dos invasores e, em seguida a um interrogatório, será deportado para Buchenwald, campo de concentração erguido pelas tropas de Hitler nas proximidades de Weimar, na Alemanha. Em Buchenwald, Semprun permanecerá recluso de dezembro de 1943 a abril de 1945, saindo de lá com 21 anos, no dia 11 de abril de 1945, com a libertação do *Lager* pelas tropas norte-americanas.

Após a libertação, Semprun retornará a Paris, trazendo consigo a memória amarga de um ano e meio repleto de aflições, agressões físicas e emocionais e o testemunho da maior degradação a que seres humanos podem ser submetidos, em nome do intuito totalitário e dominador, em nome de um impulso que francamente nega a condição humana e os princípios da convivência em sociedade. Em seus livros de cunho memorial, especialmente em *A escrita ou a vida*, publicado em 1994, pela Gallimard, na França, Semprun admite que, inspirado em seu bom domínio do texto, chegou a pensar em escrever um depoimento-testemunho sobre o que significara Buchenwald.

As imagens e a experiência do campo estavam vivas demais e cruzavam pela memória a toda hora, em cada situação do dia-a-dia, com uma frequência quase sufocante. No entanto, justamente essa excessiva exposição à memória da morte, às imagens impossíveis de sistematizar de todo o processo de degradação, essa sobrecarga de situações, foi o que o obrigou a abrir mão do relato. Escrever, nesse momento, seria continuar envolvido, mesmo fora de Buchenwald, com a matéria do campo, com a morte, sendo sugado *para* a morte, *pela* morte. Mesmo longe de Buchenwald, seria impossível viver preso a Buchenwald, e Semprun havia compreendido que esse caminho seria muito perigoso. Aprisionar-se à memória do

campo, recém tendo saído dele, seria continuar nas garras do terror, da morte, da incapacidade de compreender.

Assim, o que Semprun escolhe é, momentaneamente, pelo tempo que fosse necessário, esquecer. Evitar lembrar. Estrategicamente, ocupar a cabeça com outras coisas, desviar-se das lembranças aterradoras. Em *A escrita ou a vida*, nesse relato em que, 50 anos depois de ter sido libertado com os demais sobreviventes em Buchenwald, finalmente Semprun presta contas através do seu depoimento formal e definitivo sobre o que foi a deportação. Ele já havia se preparado para esse relato singular, recorrendo à ficção para aproximar-se desse material de memória. Fizera isso com seu premiado romance *A grande viagem*, em 1964. Dera continuidade a essa abordagem literária de Buchenwald em vários de seus romances, sempre aludindo, sutil ou efetivamente, ao *Lager*.

Mas *A escrita ou a vida* seria seu depoimento mais contundente, onde expressa a sua arte da memória, a sua arte da sobrevivência, a sua arte de unir os fios e a trama de duas vidas, a de antes e a de depois de Buchenwald, em que o depois serve para, se não dar continuidade aos sonhos e às aspirações do jovem Jorge, ao menos amenizar as arestas do que ele poderia ter sido, mas não foi.

No intervalo entre a libertação do campo, em 1945, e a publicação de *A grande viagem*, de 1964, entretanto, uma outra vida foi ensaiada e igualmente teve desfecho malogrado, talvez uma segunda “morte”, esta mais simbólica do que a exatamente impressa na carne. Ansioso por ocupar sua vida após o retorno do campo com algum esforço prático, e ensejando ampliar sua participação política na sociedade francesa e mesmo espanhola, contribuindo para estabelecer novos rumos para seu país ainda nas mãos de Franco, Semprun engaja-se na militância clandestina do Partido Comunista Espanhol (PCE).

Com sólida formação filosófica, leitor assíduo e voraz de Marx, dominando conceitos e teorias, capaz de manter fortes debates acerca das vantagens de uma sociedade conduzida pelas vias do Socialismo, Semprun passa a ter atuação decisiva na formação de uma estrutura capaz de levar os socialistas ao poder na Espanha. A partir de Paris, onde os chefes do PCE procuravam se concentrar,

Semprun retorna em vários momentos à sua pátria e estabelece contato com outras lideranças.

Desse tempo, datam seus vários nomes assumidos na clandestinidade, dentre os quais o codinome Federico Sanches viria a ser o mais famoso. Será sob esse apelido, pelo qual era conhecido na clandestinidade, que posteriormente fará seu relato contundente dos disparates e dos interesses de poder que moviam a atitude dos chefes do PCE. Esse depoimento, entre ousado, firme e vigoroso, se chamará *Autobiografia de Federico Sanches*, quase um *best-seller* a desfiar as mazelas e os equívocos que marcam o sonho comunista de tomada do poder, derrubando Franco.

No início dos anos de 1960, Semprun já estará entre os principais dirigentes do PCE na clandestinidade, terá tido contato com as grandes referências do Comunismo em outras nações da Europa, terá viajado por praticamente todos esses países e terá se familiarizado com a realidade da União Soviética. Mas a distância entre o que pregam esses líderes e o que vislumbra no seio da sociedade, na presença das bases, o deixa definitivamente desiludido e receoso dos caminhos que o Comunismo acabará tomando.

Com sua perspicácia e motivado por sua formação filosófica e seu olhar ético e moral, Semprun e mais alguns colegas sugerem novos direcionamentos nas ações. Suas sugestões e seus pontos de vista são mal-recebidos, entendidos como perigosos, e a própria postura de Semprun é colocada sob suspeita. Afinal, ele não é exatamente um operário, um trabalhador, gente do povo. Ele é filho de família de elite e, mesmo depois de toda a contribuição pessoal, numa doação integral de sua vida à causa do partido, os dirigentes compreendem que ele estaria sendo influenciado por leituras não convenientes. Essa depuração resultará em sua expulsão do partido, numa reunião quase teatral em um castelo da Bohemia, justamente o cerne de seu relato em *Autobiografia de Federico Sanchez*.

Por outro lado, já nesse romance de fundo político, publicado em 1978, Semprun revela que, por conta de alguns motivadores em especial, sua cabeça havia voltado à verdade de sua condição de sobrevivente do campo da morte. Em seu tempo de clandestinidade no PCE, seguidamente viajava a Madri e hospedava-

se em casas de família. Numa delas, o marido havia sido deportado para um campo de concentração e, nas conversas que costumavam manter, de modo recorrente fazia menção à vida no campo, sem, contudo, saber que o seu interlocutor, Semprun, igualmente havia passado por essa mesma experiência. O que impressionava Semprun era o grau de imprecisão e a incongruência do relato desse sobrevivente, numa narrativa oral que, ao invés de contribuir para esclarecer fatos e aspectos relacionados à vida no *Lager*, mais levaram a não compreender essa dura vida.

Justamente por esse tempo renascia em Semprun a vontade – e talvez a necessidade – de acertar as contas com o seu passado e de passar a registrar o que Buchenwald representava em sua história pessoal e na história de sua geração. Começou a redigir, então, em seu quarto, na casa desse casal que o hospedava, em Madri, o que posteriormente viria a ser o romance *A grande viagem*, com o qual conquistaria o Prêmio Fomentor e que, juntamente com sua ótima receptividade junto ao público, descortinaria um novo horizonte, o de escritor, para Semprun, no exato instante em que era expulso dos quadros do Partido Comunista Espanhol.

Em *A grande viagem*, Semprun introduz um companheiro imaginário, o “rapaz de Semur”, que o acompanha e será interlocutor e testemunha durante o trajeto do trem que leva os deportados da França para Buchenwald. Essa viagem pela noite da Europa, rumo a um destino então desconhecido, a um futuro sem futuro, constitui um dos relatos mais contundentes sobre o confronto com a dor e com a realidade da morte e da opressão.

O olhar de Semprun, retroativo, sobre os seus dias na Resistência francesa, a viagem e a chegada a Buchenwald, o impacto de um cotidiano que se revela cada vez mais impressionante à medida que a consciência toma conta de tudo que ocorre, é de uma abrangência sem igual. Quando escreve *A grande viagem*, Semprun já havia lido *É isto um homem?*, o depoimento ensaístico de Primo Levi escrito no calor de seu retorno de Auschwitz e só publicado, tardiamente, em 1958 <sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Na verdade, a primeira edição do livro de Primo Levi, publicado pouco tempo após seu retorno de Auschwitz, ficou praticamente ignorado. Lançado por uma pequena editora, acabou passando despercebido, talvez num indicativo de quanto o ânimo da sociedade em geral não estava preparado para lidar com o traumático tema dos campos de concentração. Semprun, no capítulo “A morte de Primo Levi”, em *A escrita ou a vida*, analisa esse contexto e chega a traçar paralelo entre a decisão de Levi, de escrever logo depois de voltar do campo, e a sua

Sob o impacto desse relato, Semprun começa a lembrar, e sente que lembrar, mais do que um acerto de contas consigo mesmo, é uma atitude ética para com todos que pereceram nos campos de extermínio.

Primo Levi dera essa chave essencial para estimular a memória de todo sobrevivente capaz de narrar. E talvez mesmo a Semprun o mote da viagem. Cada qual fizera a viagem a seu modo e a recuperara, de alguma forma, em imagens definitivas, sínteses de seu olhar interior sobre a extensão degradante da vida de deportado ou para a aflição no gueto. *A grande viagem* (1973), para Semprun. *A noite* (2002), para Elie Wiesel. *Sem destino* (2003), para Imre Kertész. *Inverno na manhã* (2005), para Janina Bauman, posteriormente esposa do sociólogo Zygmunt Bauman. *A viagem* (1995), para Ida Fink. Os conceitos definidores se acumulam e se estendem. Em seu *É isto um homem?*, Primo Levi igualmente resgata, em seus primeiros capítulos, como ocorreu, a par de suas lembranças, a viagem até o campo de Auschwitz. Ele lembra particularmente do clima de pesadelo, do grau de irrealidade que dominava tudo e tornava o próprio deportado um cético em relação a tudo que lhe acontecia. Era difícil acreditar que aquilo era mesmo verdade. Mas gente caía e gente morria no caminho, isso era difícil de negar. Daqui a pouco poderia ser ele mesmo.

Então, a certa altura do relato, Primo Levi depara-se com a dificuldade que constitui a tentativa, sempre limitada, sempre humilde, mas ao mesmo tempo ousada, arrojada, de expressar, de dar conta do real significado de cada agressão sofrida, vivida, as mais “físicas” e as mais sutis, sequer adivinhadas no momento mesmo da agressão e só posteriormente intuídas na memória.

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. (LEVI, 1988, p. 24-5)

---

própria, só vindo a lidar com a escritura das lembranças de Buchenwald quase duas décadas mais tarde. Semprun lembra ainda o fato de o livro *A trégua*, de Levi, ter sido lançado praticamente simultâneo ao seu *A grande viagem*, numa retomada conjunta, dele e de Levi, desse tema, no início dos anos de 1960.

Foi essa quase impossibilidade de comunicar, essa incomunicabilidade do trauma, esse risco do envolvimento com o tema mortal, que Semprun constatou logo após seu retorno de Buchenwald. E, por isso, de certo modo, calou, conscientemente, ansiosamente, fugiu à verdade da lembrança, esqueceu. Fez isso até *A grande viagem*, quando o cenário do campo retornou com cores vivas, cruéis, perigosas. A certa altura, como confessa, em sua dificuldade para lidar com o material de memória que aqui se pretende fazer ficcional:

Há dezesseis anos, tento cercar essas poucas horas que se passam entre a conversa com o rapaz do *Tabou* e a noite de loucura que nos esperava, tento penetrar na névoa daquelas poucas horas que devem ter, forçosamente, se escoado, de arrancar, fiapo por fiapo, a realidade daquelas poucas horas, mas quase em vão. Às vezes, num clarão, eu me lembro, não do que aconteceu, pois não aconteceu nada, nunca aconteceu nada, em nenhum momento desta viagem, mas de lembranças e de sonhos que me rondaram ou me habitaram ao longo destas horas que faltam em minha viagem, em minha memória perfeita desta viagem, onde por outro lado não falta nem uma nesga de paisagem, nem uma palavra do que foi dito, nem um segundo destas longas noites intermináveis; memória tão completa que se eu me consagrasse a contar esta viagem em seus detalhes e contornos, poderia ver as pessoas à minha volta, que queriam começar a me escutar, nem que fosse por educação, eu poderia vê-las cansar-se de aborrecimento e depois morrer, afundar suavemente em suas poltronas, enfiando-se na morte como na água deslizante de meu relato, ou então as veria soçobrar numa loucura, talvez furiosa, não suportando mais o horror pacífico de todos esses detalhes e os contornos, as idas, as voltas, desta longa viagem de há dezesseis anos. (SEMPRUN, 1973, p. 149, grifo do autor)

A elaboração do primeiro romance, e a consagração advinda com o Prêmio Fomentor, como narra em *Autobiografia de Federico Sanchez* (1979), deram a Semprun uma nova dimensão de seu estreitamento de laços com a literatura, além de devolvê-lo para uma condição de intelectual capaz de dizer, com espaços na mídia, lembrando de sua experiência de Buchenwald e permitindo o cotejamento dessa mesma experiência, e sua memória, com a experiência de outros sobreviventes. Passa, assim, como dirá em discurso pronunciado dia 19 de março de 1989, na solenidade em que receberá o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Tel Aviv (texto posteriormente publicado na revista *Espéculo*, n. 6), “da perplexidade à lucidez.” Perplexidade ante o mundo, perplexidade ante o comportamento do ser humano; lucidez quanto à compreensão desses fatos e da necessidade de comunicá-los, sem calar jamais.

Entre *A grande viagem* e a sua segunda incursão pelo universo das lembranças do campo, o romance *Um belo domingo*, certamente a obra-prima de Semprun e sua elaboração definitiva de apuro formal e temático associado com Buchenwald, ele havia trabalhado com outros textos de ficção. *El desvanecimiento* [O desvanecimento], de 1967, não possui tradução no Brasil até o momento. *A segunda morte de Ramon Mercáder*, de 1969, e que mereceu o Prêmio Fémina, constitui narrativa de cunho policial, fortemente inspirada em sua condição de agente na clandestinidade do Partido Comunista. Revelando um domínio invejável das principais fontes históricas, políticas, literárias e culturais do Ocidente, Semprun tece uma interessante história de perseguição, em que o personagem Ramón Mercáder, agente cujo codinome naturalmente se inspira no nome do assassino do russo Trotski, possui todas as tintas de um alter-ego do próprio autor.

O enredo se desenvolve entre as principais capitais da Europa, mas centra suas peripécias principalmente na Holanda, trazendo como pano de fundo o invólucro de algumas obras literárias importantes, além das artes plásticas que sempre constituem elemento-chave na formação e no panorama da ficção de Semprun. Em 1977 o autor finalmente publica *Autobiografía de Federico Sanchez*, resgatando a sua história como integrante do Partido Comunista Espanhol e sua expulsão. O sucesso desse livro foi tamanho que rendeu a Semprun o Prêmio Planeta.

E então veio *Um belo domingo*, de 1980, em que revela seu impressionante domínio da tradição da literatura e estabelece, com um estilo de narrativa muito peculiar, um novo ordenamento temporal e especial dentro do texto literário. Implodindo completamente a lógica do ordenamento do enredo, que deixa de lado a linearidade para render-se ao fluxo da memória e aos saltos, em avanços e recuos, elipses, *flash-backs* e outros recursos estilísticos, a memória de Semprun tece o intrincado e sinuoso jogo das lembranças associadas ao domingo à tarde em Buchenwald. Depois de uma semana inteira de intenso trabalho, Semprun, que no campo atuava como responsável pelo registro das “saídas” e das chegadas de pessoal ao *Lager*, finalmente podia aproveitar o único meio-dia de folga concedido aos presos.

Enquanto a grande maioria dos deportados jogava-se sobre o beliche para um desesperado sono, numa tentativa de reparar forças ou de “evadir-se” das agruras do *Lager*, Semprun e mais alguns conhecidos corriam para a parte mais aberta do campo de concentração e ocupavam-se em admirar as paisagens distantes na planície da Turíngia. Nesses olhares, procuravam imaginar o que estaria acontecendo lá fora, naquelas pequenas aldeias alemãs em que a vida provavelmente continuaria com suas rotinas de atividades e descansos, a tão poucos quilômetros do campo da morte, como se nada mais estivesse acontecendo. Justamente por isso, como narra em *A escrita ou a vida*, uma de suas primeiras preocupações, logo após a libertação, foi descer até o vilarejo mais próximo para, de lá, procurar descortinar o olhar sobre o campo, e então descobrir de que modo, afinal, a população alemã, em seu dia-a-dia, via ou podia ver o *Lager*.

*Um belo domingo* é de uma complexidade impressionante, e traça o percurso entre a condição de deportado em Buchenwald e a sua posterior vinculação ao universo da clandestinidade no Partido Comunista Espanhol. As duas realidades se mesclam, se bifurcam e assumem um peso às vezes quase em pé de igualdade. É certamente o romance mais denso de Semprun, em que espelha a sua forte inserção na melhor literatura ocidental e o peso que leituras como a de Faulkner, Heidegger, Varlam Chalamov e outros escritores tiveram sobre suas reflexões e sobre a sua formação pessoal. Semprun revela, em *Um belo domingo*, por exemplo, o quanto a oportunidade que teve em Buchenwald, durante seu tempo de trabalho no *Arbeitsstatistik* (a Central de Estatísticas do Campo), de fazer leituras e de emprestar livros na biblioteca do campo, foi essencial para que mantivesse o espírito ocupado e não se entregasse a um pensamento derrotista ou conformado.

Semprun agarrava-se com todas as forças à literatura, à memória das leituras, para nelas encontrar consolo, dialogar com o passado, num salto (consciente ou inconsciente) de evasão em relação aos riscos que corria todo dia, ameaçado de morte que estava. É sempre oportuno lembrar que a deportação para um campo, independente das motivações que estavam por trás dessa decisão, previa a exploração máxima da mão-de-obra desse deportado, de preferência a ponto de fazê-lo sucumbir. Quem era levado a um campo de concentração em última instância devia ser eliminado, e não passava pela cabeça dos nazistas qualquer

intuito de ser cortês ou de libertar algum deportado. *Persona non grata* dentro dos propósitos e dos princípios de um governo totalitário, esse indivíduo devia, mais cedo ou mais tarde, ser eliminado, morto.

Na seqüência, ao longo dos anos de 1980, Jorge Semprun dedicou-se especialmente à ficção, com três romances de alguma forma inspirados nos acontecimentos do período mais recente na Europa, de que ele próprio vinha sendo testemunha privilegiada. Estabelecido em Paris, interagindo com os principais nomes da literatura, do cinema e das artes plásticas, Semprun intensificou sua atividade como roteirista de cinema, tendo assinado alguns dos mais enfáticos filmes sobre o pós-guerra e sobre os novos rumos da sociedade ocidental depois da Segunda Guerra Mundial, cujas marcas continuavam muito vivas, latentes, por mais que houvesse a preocupação de deixar o futuro e as novas gerações depurarem esses constringimentos. Semprun é autor, entre outros, dos célebres *A guerra acabou* e *Staviski*, ambos dirigidos por Alain Resnais; *Z* e *A confissão*, com Costa-Gravas; e *As rotas do sul*, para Joseph Losey. Por sinal, no Brasil está disponível a tradução do roteiro de Semprun para *Staviski*, que permite uma boa mostra do seu trabalho voltado ao cinema.

Foi, igualmente, amigo íntimo de personalidades-ícones do *showbizz*, como o ator e cantor Yves Montand, a quem dedicou, em 1983, um dos mais emocionantes e calorosos relatos biográficos e de amizade da literatura ocidental, o romance-depoimento *Yves Montand: a vida continua*. Nessa obra, para cuja realização viaja com Montand em sua turnê mundial – por sinal, o relato principia com a apresentação feita no Rio de Janeiro, no Brasil –, além de apresentar a figura humana e artística, revela sua perspicácia e seu calor humano no estabelecimento de uma amizade incondicional, que perpassa épocas e se imbrica nas relações comuns. Com Montand, aprendeu a admirar igualmente a esposa deste, a escritora e atriz Simone Signoret, autora de *A nostalgia não é mais o que era* e *Volodia*.

Do mesmo modo, Semprun passou a ter, como personalidade e como intelectual de renome, trânsito cada vez mais intenso entre autoridades políticas, sendo chamado a opinar sobre a realidade política, econômica e social dessa turbulenta época marcada pela Guerra Fria, pelos acontecimentos de 1968 em Paris

e em outras capitais europeias, pela derrocada dos países socialistas, pela queda do Muro de Berlim, pela unificação em avanço na Europa. Assim, desenvolveu, por exemplo, ao lado do filósofo Alain Finkielkraut, estudos e reflexões sobre os acontecimentos do período e sobre as perspectivas da sociedade europeia e mundial nesse contexto.

Em seus romances dos anos de 1980, deixa transparecer justamente este complexo estado de coisas, com um enredo marcado – em alguns casos – pelo suspense, pela aventura, pela narrativa de tom policialesco. *A algaravia*, de 1981, retoma a Paris turbulenta do pós-1968, marcada pelos protestos, pelas barricadas nas ruas, pela ação de salteadores, e nesse contexto insere o personagem Rafael Artigas, mais uma vez um nítido *alter ego* de Semprun. *A algaravia* constitui, de certo modo, o romance mais popular de Semprun no Brasil, tendo em vista suas sucessivas edições, popularidade que talvez decorra justamente da reverberação dos acontecimentos de 1968 em Paris pelo mundo todo. Todos os demais livros de Semprun, ainda que o autor seja uma referência e tenham tido tradução no Brasil, limitaram-se à primeira edição, o que faz dele um autor cuja potencialidade ainda está por ser devidamente explorada e cuja pertinácia de olhar sobre a sociedade ainda deve ser mais difundida no País. Semprun, aos 83 anos, é, afinal, uma das personalidades mais respeitadas da cultura europeia à entrada do século XXI.

Assim como ocorre com *A algaravia*, o romance *A montanha branca*, de 1987, também se desenvolve no limiar de situações complexas, marcadas por um passado conflituoso, cujas marcas nunca se apagam. Juan Larrea, o personagem principal do livro – nome que remete a um dos pseudônimos usados por Semprun na clandestinidade do PCE e, em segunda instância, a um dos principais comentaristas europeus da poesia de César Vallejo, poeta que Semprun admira muito –, carrega consigo as lembranças do campo de concentração. Inequivocamente, é mais um *alter ego* do próprio Jorge. Em vários momentos, andando de carro pelas rodovias do interior, ao se deparar com a fumaça expelida pelas chaminés das bucólicas propriedades rurais, Larrea experimenta a vertigem de se confrontar com a memória de Buchenwald, da eterna fumaça saindo da chaminé do crematório.

Em *A escrita ou a vida*, Semprun reconhece que, de algum modo, o suicídio protagonizado por Juan Larrea ao final de *A montanha branca* é um suicídio simbólico, a morte que de algum modo o perseguiu ao longo de sua vida e de cujo peso tentou se livrar, catarticamente, através da ficção. Proliferam as referências pontuais e recorrentes à experiência de Buchenwald na obra ficcional de Semprun: seus personagens, em sua grande maioria, arcam com a angústia de trazer consigo uma história de vida interrompida pelo trauma. Por mais que se esforcem no sentido de se inserir na rotina, admitindo que a vida é assim mesmo e que essa verdade é imutável, ainda assim as cicatrizes doem e de tempos em tempos queimam, cicatrizes de alma, cicatrizes de sangue, cicatrizes que são do passado mas que estão no presente e, sabem esses personagens, estarão no futuro.

Um ano mais tarde em relação a *A montanha branca*, em 1988, Semprun publicaria *Netchaiev está de volta*, romance de forte pitada policial, marcada novamente por um passado que ressoa no presente e modifica os rumos dos personagens. Nesse caso, o enredo é diretamente influenciado pelo romance *A conspiração*, de Paul Nizan, num intertexto puro e latente ainda com a ação do líder niilista russo Serguei Guennadovich Netchaiev, autor de um manifesto com mandamentos anarquistas. Outro diálogo de Semprun se estabelece naturalmente com o romance *Os possessos*, de Dostoiévski, igualmente inspirado na figura de Netchaiev. Novamente, as referências ao universo dos campos de concentração estão presentes, demarcando a história de algumas personagens.

Justamente em 1988, ano do lançamento de *Netchaiev está de volta*, Semprun passaria a vivenciar uma nova e importante experiência. Com a chegada do socialista Felipe González ao governo da Espanha, Semprun é indicado para assumir como ministro de Cultura do País. À surpresa desse convite e diante dos argumentos utilizados, ele aceita o cargo e deixa, então, Paris para retornar à sua sempre amada Madri. Mais tarde, em 1993, lança um depoimento contundente e polêmico, *Saudações de Federico Sanches (Federico Sánchez se despide de ustedes, no original)*, em que revela seu desencanto com o mundo do poder, dos jogos de interesse, da burocracia e, principalmente, da corrupção, explícita ou velada.

O relato da chegada à cidade, a instalação e as coincidências que marcam a sua rotina assumem tons nostálgicos, mas carregados de poesia, de emoção e de afetividade. No entanto, embora comprove ter assinado algumas importantes realizações no cenário da cultura nacional, iniciativas principalmente no terreno dos museus e das artes plásticas, que sempre o fascinaram, a desilusão com a obscuridade das relações de poder e os interesses pessoais e de favorecimento de algumas lideranças o levaram a deixar a função.

O nome do livro com o qual presta contas à sociedade espanhola e europeia de sua incursão pelo mundo do poder tem uma justificativa clara: chamado a um governo socialista, de certo modo quem estava chegando em Madri não era propriamente Jorge Semprun, mas o Federico Sanchez que marcou sua passagem pela clandestinidade. Foi um renascimento desse personagem – a outra metade de Semprun, que talvez ele tenha sido mais do que a sua pessoa real durante tantos anos de engajamento no PCE. Mas foi, igualmente, o adeus definitivo desse mesmo personagem, subjugado diante da constatação de que, definitivamente, a teoria e a prática no universo socialista, mesmo do socialismo vestido em trajes de modernidade no governo Felipe Gonzáles, estavam definitivamente divorciadas.

Tendo deixado para trás a sua experiência no governo espanhol e novamente instalado em Paris, Semprun finalmente mergulha, decorrido praticamente meio século da libertação de Buchenwald, em sua prestação de contas pessoal com a condição de sobrevivente. Todo o conteúdo autobiográfico que havia subjugado e sufocado, de maneira quase preventiva, logo após o retorno do *Lager*, agora aflorava. Lançado em 1994, o volume memorialístico *A escrita ou a vida* praticamente resume a história pessoal de Semprun relacionada a Buchenwald.

Pode ser classificado entre os romances essenciais a serem lidos por todo aquele que deseja compreender as marcas deixadas pela experiência da perseguição (política, étnica ou social), seja durante a Segunda Guerra Mundial ou em qualquer outra época, ambiente ou circunstância. Talvez ao lado de *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi; de *A espécie humana*, de Robert Antelme; de *Sem destino*, de Imre Kertész; de *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*, de Alexandre Soljenítsin, *A escrita ou a vida* constitua um desses

relatos ícones sobre as agruras e sobre as mazelas deixadas pelos campos de concentração. Sobre as idéias e as lembranças de Semprun manifestadas nesse livro, além do estatuto original de relato autobiográfico que decorre dessa obra, nos debruçaremos nos capítulos que se seguem.

Semprun voltará também à ficção, agora com um romance carregado nas tintas da cultura espanhola, marcada, sobretudo, pelo seu amor às artes plásticas. Num misto de memória política, familiar e individual, em 2003 lança *Vinte anos e um dia*, que mereceu o Prêmio José Manuel Lara Hernández. O enredo parte das primeiras manifestações de Franco quando chega ao poder, intercalado com os movimentos da resistência.

O “um dia” do título é o 18 de julho de 1956. Em sua propriedade chamada La Maestranza, uma família decide encenar pela última vez um ritual expiatório realizado a cada ano e que remete à morte do irmão mais novo nas mãos dos camponeses revoltados, vinte anos antes, no fatídico 1936. Nesse ambiente reúnem-se personagens com intenções diversas, incluindo um hispanista norte-americano e um comissário de polícia interessado em localizar (outra vez) Federico Sánchez. E, naturalmente, o Federico Sánchez do enredo, que já não atende mais por esse nome, mais uma vez é *alter ego* do autor. Percorrem as páginas de *Vinte anos e um dia* toureiros famosos, o escritor norte-americano Ernest Hemingway, que fora amigo pessoal de Semprun; a figura quase mítica de Lorca, entre tantos outros personagens importantes daqueles anos turbulentos.

Mais recentemente, Semprun debruçou-se novamente sobre a sua condição de sobrevivente de Buchenwald. Ao lançar *O morto certo*, em 2004, retoma as lembranças do *Lager*. De certo modo, tem-se a impressão de que Semprun procurou dar conta de um fato que ficou marcado em seu imaginário pessoal: a organização comunista clandestina que atuava no campo providenciou que um jovem moribundo assumisse o nome de Semprun, de maneira preventiva, diante do receio de que os nazistas teriam algum interesse pessoal sobre ele. Tudo decorre de um pedido que cai nas mãos de um comunista do campo, dando conta de que em Berlim solicitaram informações específicas sobre o deportado “vermelho” espanhol Jorge Semprun. Sem ter idéia exata do motivo que gerara esse pedido de esclarecimentos, os

companheiros de Semprun providenciam para que ele possa ser “ocultado”, fazendo com que alguém “morra” em seu lugar.<sup>8</sup>

O relato memorial da noite que Semprun passa no ambulatório, deitado ao lado do jovem moribundo, para assegurar maior verossimilhança à manobra dos seus companheiros, é carregado de uma angústia e de uma dor terríveis. Sente-se que Semprun precisava livrar-se do peso dessa memória: o jovem que morrera em seu lugar, que morrera como Semprun para que ele, a fim de sobreviver, pudesse assumir o nome daquele. Embora esse seja o fato determinante, o mote de praticamente todo o livro, era inevitável que Semprun mais uma vez procurasse recuperar situações e circunstâncias da vida no *Lager*, das relações estabelecidas com colegas de infortúnio e com os algozes nazistas, da tentativa de manter a esperança da libertação, a contínua ameaça à saúde, o risco da morte, o frio intenso no inverno de 1945. Tudo isso se impõe novamente à lembrança de Semprun, configurando o intertexto e a imbricação cada vez mais complexa com os seus livros anteriores relacionados a Buchenwald.

Entre os ensaios publicados por Semprun e ainda não traduzidos no Brasil, além de *El desvanecimiento*, encontra-se ainda o volume *Adiós luz de veranos; Le retour de Carola Neher* [O retorno de Carola Neher], de 1998, publicado pela Gallimard; *Mal et modernité* [Mal e modernidade], igualmente de 1998, com o selo da Points; o volume *Was Wahr und Was Ist* [O que foi e o que é], editado em alemão, em 2001, pela Suhrkamp, em conjunto com o intelectual Nobert Gstrein; e o depoimento conjunto *Der Zukunft Zugewandt – Ein Dialog Über Europa* [O futuro defronte – Um diálogo sobre a Europa], lançado pela Suhrkamp em 2005, em que Semprun conversa com o ex-presidente alemão Gerhard Schroder sobre a realidade europeia. Cada vez mais requerido por suas reflexões agudas e isentas das relações sociais, históricas e culturais da atualidade, Semprun mantém forte ritmo de produção, com ensaios, debates e textos ficcionais, movimentando-se com desenvoltura ímpar entre a autobiografia e a ficção.

---

<sup>8</sup> Esse pedido, como os companheiros de Semprun e ele próprio viriam a descobrir mais tarde, na verdade não chegava a envolver nenhuma ameaça maior: havia sido tão somente uma tentativa feita pela família de Semprun, usando da influência de pessoas conhecidas, para ter informações sobre o seu paradeiro e sobre o seu estado de saúde. Esse fato – que, como ele admite em *O morto certo*, de algum modo o envergonhara (tendo em vista que motivara tantas peripécias e tantas manobras ousadas) – ao menos aliviava a tensão decorrente de algum possível risco à sua pessoa.

### 3 O PASSADO PELA FRENTE

Vozes queridas, vozes ideais  
daqueles que morreram ou daqueles que estão  
perdidos para nós, como se mortos.  
Eles nos falam em sonho, algumas vezes;  
Outras vezes, em pensamento as escutamos.

Konstantinos Kaváfis, *Vozes*

A memória em si e a própria abordagem teórica ou explicativa da memória não chegam a ser circunstâncias muito tranquilas. Não apenas porque nem sempre é

possível lembrar, considerando-se que alguns aspectos ou fatos ou lembranças fogem ao alcance de quem quer ou podia lembrar, mas também porque, por muitas razões, também conscientes, mas principalmente inconscientes, alguém não quer lembrar. Alguns fatos da vida individual ou coletiva simplesmente fogem de quem deseja lembrar. Estão em um ambiente brumoso da memória. São coisas vividas na infância, em um tempo em que o indivíduo ainda não estava preparado para imprimir conceito ou significado àquelas situações.

Por outro lado, como enfatizam teóricos do tema, seria impossível lembrar de tudo, dada a extensão, a complexidade e a multiplicidade dos elementos que compõem uma vida. De modo que a nossa memória seleciona, remodela, acrescenta, condensa, re-elabora. Os fatos e as situações vividas inclusive ganham contornos diferentes à medida que o tempo passa. Já não será mais o evento em si, mas o evento lembrado, e, portanto flagrado sob um outro olhar, não o olhar do momento, simultâneo. Como recuperação do passado sob o impulso da lembrança, o fato agora tende a ser re-elaborado, olhado sob a influência de outras experiências posteriores, cotejado e analisado a partir de informações de diversa ordem que o indivíduo recolheu ao longo do tempo posterior. Portanto, já não é mais a memória pura, integral, do fato, mas uma lembrança dele.

Izquierdo (2004) menciona que, a exemplo da lembrança, do ato de lembrar, o ato de esquecer também é uma arte, ou, em outras palavras, pode exigir, requerer, um posicionamento vital. Do mesmo modo como muitas vezes não é possível esquecer, que não se deve esquecer, também eventualmente não é possível lembrar, ou é preferível, por uma questão preventiva, salutar, não lembrar. Essa circunstância estará diretamente relacionada com a literatura de cunho testemunhal, com os relatos autobiográficos associados ao campo de concentração, na obra de Jorge Semprun. Izquierdo, que se volta para o estudo neuronal acerca do funcionamento do cérebro e dos aspectos implicados na memória e no esquecimento, enfatiza que há vários tipos de memória. Começa citando a “memória de trabalho”, que o ser humano usa para entender a realidade que o rodeia e igualmente formar ou evocar outras formas de memória: “a que denominamos **de curta duração** e que dura umas poucas horas, o suficiente para que possa se

formar a memória **de longa duração** (também chamada **memória remota**), que dura dias, anos ou décadas” (IZQUIERDO, 2004, p. 23).

Outra informação relevante nas pesquisas de Izquierdo diz respeito aos tipos de esquecimento. Cita quatro casos. Dois deles têm a ver com as memórias menos acessíveis, ainda que não sejam perdidas por completo, e que seriam a extinção e a repressão. Prontamente inspiram uma reflexão acerca da experiência dos sobreviventes ao holocausto. Em inúmeras ocasiões os fatos vivenciados ou testemunhados nos campos de concentração ficam simplesmente extintos ou reprimidos na lembrança dos sobreviventes.

Tanto que muitos sobreviventes dizem que puderam lembrar de coisas vistas ou vividas no *Lager* graças ao fato de escritores ou outros sobreviventes, em entrevistas, terem mencionado essas circunstâncias. Ainda assim, acabam sendo assumidos com alguma incredulidade, quase como se tivessem ocorrido com outra pessoa, mas jamais com eles mesmos. Há uma espécie de ojeriza relacionada a esse trauma, mas certamente também o instinto de preservação da saúde mental, pois a verdade de alguns fatos supera a capacidade de aceitação, não poderia ser suportada pela consciência.

Por essa razão, as outras formas de perda da memória, ou de esquecimento, citadas por Izquierdo têm mais a ver com o acidente, físico ou traumático, e que gera uma perda irreparável, que não pode mais ser recuperado ou lembrado. Uma dessas “perdas reais de informação” ocorre por bloqueio de sua aquisição “e a outra por deterioração e perda de informação, o **esquecimento** propriamente dito” (IZQUIERDO, 2004, p. 22). A arte de esquecer, enfatiza esse autor, se concentra na extinção (ou em outras derivativas, como a habituação ou a discriminação) e na repressão. E acrescenta que, igualmente, num “truque voluntário que é a falsificação” (IZQUIERDO, 2004, p. 22-23).

Ainda assim, é de um fato que se trata no ato de lembrar. E, naturalmente, a característica desse fato, o modo como ele ocorreu, a sua natureza, o estado de ânimo e a maneira como se reagiu a ele, serão determinantes da maneira como ele chegará ao consciente e da maneira, igualmente, como a memória do indivíduo

lidará com ele. Caso se trate de uma circunstância feliz, será incorporado de uma forma; caso se trate de um trauma, e ainda assim a sua conotação individual ou coletiva, até mesmo do número de testemunhas, merecerá outro tipo de tratamento e, naturalmente, um outro tipo de elaboração.

Como se sugere acima, muitas vezes não apenas é impossível lembrar como também é preferível não lembrar para que a vida possa ter continuidade, para que o ser humano não sucumba a seus terrores íntimos. Não se deve, entretanto, confundir esse “preferível não lembrar” com a postura adotada por muitos carrascos ou algozes nazistas que, muito comodamente, dizem não lembrar de nada, não saber o que fizeram, sequer compreender as questões que lhes são formuladas acerca de medidas, gestos, atitudes agressivas, castigos infligidos, mortes causadas. Nesse caso, o “não lembrar” é uma atitude de defesa perante uma acusação, e não elimina, jamais poderia eliminar, o peso da acusação e o veredicto inevitável de culpa.

Todorov (2000) reflete sobre o papel paradoxal que é atribuído à memória. Em um estudo hoje fundamental, o autor defende que a memória encontra-se ameaçada e que os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo até então insuspeitado: a supressão da memória. Isso se dá em dois movimentos: em primeiro lugar, pela preocupação que sempre acompanhou os totalitarismos (seja o nazismo, seja o comunismo) de construir um mecanismo no qual a memória dos processos de perseguição, os vestígios, fossem sendo gradativamente eliminados (inclusive quando esse vestígio pudesse ser o próprio ser humano, no caso dos judeus deportados pelos nazistas, ou no caso dos inimigos do sistema no comunismo); em segundo lugar, porque os fatos apresentavam-se de tal modo inverossímeis ou inexplicáveis que o ouvinte ou a sociedade posteriormente não acreditava no que o memorialista ou a testemunha vinha a narrar. Primo Levi e outros autores recordam que, de certo modo, os nazistas tinham consciência desse fato, pois diziam aos sobreviventes que não adiantaria mesmo contar nada, não adiantaria esforçar-se para sobreviver, voltar e contar o que se tinha visto, pois as pessoas não iam acreditar no que se quisesse contar.

Como decorrências desses dois movimentos, Todorov identifica aquilo que ele chama de “abusos da memória”. De um lado os sobreviventes ou testemunhas, que extrapolam na insistência com que querem fazer lembrar, impedem o esquecimento e, em muitos casos, motivam a angústia sem fim e até mesmo realimentam o rancor, a ponto de motivar novas agressões ou ameaças. É o excesso de lembrança que, aqui, compromete o papel da memória e as lições que dela poderiam ter sido extraídas. De outro, estão todos aqueles que, num comportamento revisionista cada vez mais freqüente, e que ganha contornos cada vez mais surpreendentes à medida que a sociedade ocidental se distancia no tempo e nos vestígios dos campos de concentração, querem evitar que se lembre. Fazer cair no esquecimento é uma maneira de eliminar culpas, de reduzir o constrangimento, de fazer a vida ganhar mais naturalidade para todo aquele que, de algum modo, se sinta implicado no conflito, como agressor, como algoz, como apoiador.

Todorov entende ainda que haja, dentro desse contexto, um uso bom e um uso mau da memória. O bom uso, em sua definição, tem a ver com a possibilidade de reabilitar, de posicionar o ser humano em relação ao que ele foi, de ajustar as contas com o seu passado e permitir que a vida volte a fazer sentido. “A recuperação do passado é indispensável; o que não significa que o passado deva reger o presente, senão que, ao contrário, este fará do passado o uso que prefira” (TODOROV, 2000, p. 25)<sup>9</sup>. Todorov menciona Semprun quando este, em *A escrita ou a vida*, admite que o esquecimento o salvou de sua experiência dos campos de concentração ou, em outras palavras, o livrou estrategicamente da sombra perseguidora do ambiente de morte.

O que não quer dizer que o indivíduo possa chegar a ser completamente independente de seu passado e dispor deste a seu jeito, com toda liberdade. Tal coisa não será possível ao estar a identidade atual e pessoal do sujeito construída, entre outras coisas, pelas imagens que este possui do passado. O eu presente é uma cena na qual intervém como personagens ativos um eu arcaico, apenas consciente, formado na primeira infância, e um eu reflexivo, imagem da imagem que os demais têm de nós [...] A memória não é somente responsável de nossas convicções, mas também de nossos sentimentos. (TODOROV, 2000, p. 25-6)<sup>10</sup>

<sup>9</sup> La recuperación del pasado es indispensable; lo cual no significa que el pasado deba regir el presente, sino que, al contrario, éste hará del pasado el uso que prefiera. (Todas as traduções do original são de nossa autoria)

<sup>10</sup> Lo cual no quiere decir que el individuo pueda llegar a ser completamente independiente de su pasado y disponer de éste a su antojo, con toda libertad. Tal cosa no será posible al estar la identidad actual y personal del sujeto construída, entre otras, por las imagines que éste posee del pasado. El yo presente es una escena en la cual

Trata-se, naturalmente, de uma culpa muito diferente da mencionada por Jean Améry, o intelectual austríaco que, em plena Segunda Guerra Mundial optou por mudar seu nome, em opção de anagrama, para poder suportar de maneira um pouco menos dolorosa as marcas da perseguição sofrida por ele e por seu povo (chama-se na verdade Hans Mayer). Nascido em Viena em 1912, Améry migra para a Bélgica quando a Alemanha anexa a Áustria, em 1938. Estudante de Filosofia e de Letras, foi preso e deportado pelos nazistas para o campo de Gurs, de onde consegue escapar para, então, unir-se à resistência antinazista na Bélgica. Em 1943 é novamente preso e agora deportado para Auschwitz, onde permaneceu até 1945.

Num longo texto reflexivo de tom memorialístico, Améry sugere que é necessário ir “além da culpa e da expiação” para apreender algum significado na atitude dos nazistas e de outros povos em relação aos judeus. Por mais que o povo judeu tente encontrar explicações para o que houve, por mais que se queira julgar o holocausto (ou a *Shoah*) como um castigo, é claro que as agressões e as perseguições não têm a ver com culpa. Améry, como tantos outros, se faz a pergunta: mas de que sou culpado? O que foi que eu ou o meu povo fizemos para sermos submetidos a esse tipo de tratamento? Por que querem que o meu povo desapareça?

Assim como não é na culpa que se encontrará justificativa para o fato, também não é na expiação, porque, não havendo culpa, não pode haver expiação. Dessa forma, os judeus não poderiam adotar uma atitude expiatória, de alguém que veio ao mundo para pagar ou saldar pecados alheios, a começar pelo fato de nem se saber a quem atribuir esses pecados. Dentro dos campos de concentração, os martírios sofridos, as mazelas ou as agressões que o deportado era obrigado a testemunhar, naturalmente inspiravam reflexões ou questionamentos dessa ordem: “mas por que isso?”, “por que Deus permite que fulano sofra tanto ou que cicrano tenha tamanho poder sobre a vida ou sobre a morte de tantos milhares de pessoas?” Essas perguntas, feitas a partir dos conhecimentos filosóficos, antropológicos, existenciais, sempre ficarão sem resposta, nunca encontrarão um complemento satisfatório.

---

intervienen como personajes activos un yo arcaico, apenas consciente, formado en la primera infancia, y un yo reflexivo, imagen de la imagen que los demás tienen de nosotros. [...] La memoria no es solo responsable de nuestras convicciones sino también de nuestros sentimientos.

O livro de Jean Améry, *Más allá de la culpa y la expiación* (2004), traz como subtítulo a informação: “Tentativas de superação de uma vítima da violência”. Essa superação (não se deve esquecer que Améry apresenta-se ao leitor em meio a “tentativas”) de certo modo é buscada no direcionamento a outros memorialistas, a outros autobiógrafos. Améry dedica-se a pensar principalmente a condição paradoxal, trágica, dos intelectuais em Auchswitz. Ele entende que havia ao menos dois grupos de pessoas, dentro dos campos, para os quais a experiência do isolamento, da solidão e da ameaça constante e iminente da morte constituía terreno para uma ainda possível evasão.

De um lado, aponta Améry, aqueles que (como talvez tenha ocorrido com Semprun) encontravam-se lá por motivações ou razões políticas e que, em certo momento, conseguiam organizar-se de modo a constituir uma parede invisível de apoios, influências, infiltrações sutis de sabotagem da sempre formal engrenagem nazista. Era o caso dos comunistas ou de alguma eventual outra força ideológica de ação política ou social, nem que se tratasse apenas de manobra de resistência ou de confronto.

Os comunistas, sugere Améry, admitiam suportar a perseguição em nome do futuro. Sabiam por que estavam lá; porque se haviam colocado francamente contrários ao avanço nazista e porque duelavam com esses inspirados num jogo de poder. Justamente por isso, conseguiam unir-se, manter contatos e estabelecer uma rede de relações, dentro dos campos e em algumas ocasiões inclusive com outros campos. Em Buchenwald, como Semprun e outros escritores deixam entrever claramente, a ação dos comunistas foi decisiva, não apenas salvando a vida de muitas pessoas ao longo de muitos anos, como, de certo modo, preparando terreno para que, no ato da chegada dos aliados, eventualmente furtar-se à ação derradeira e possivelmente final dos nazistas, destruindo todo o campo e seus vestígios.

Semprun, ele próprio, por suas tarefas nos escritórios do *Arbeitsstatistik*, consegue ajudar a impedir que membros comunistas do campo, ou mesmo outras pessoas, pudessem ser enviados a campos externos ou a determinados trabalhos em que a sorte provavelmente os teria abandonado.

Do mesmo modo como ocorria com os indivíduos motivados por uma ideologia, também os deportados que se deixavam guiar pela fé conseguiam suportar com mais naturalidade todas as agressões porque, em seu entender, assim estava escrito. Para eles, para todos os que conseguiam manter acesa um chama de religiosidade, o que estava acontecendo era desígnio de Deus e, portanto, também estava ao alcance Dele salvá-los do martírio.

Assim como acontecia com os comunistas, que possuíam uma espécie de organização interna nos campos e que se relacionavam, mantinham redes de contato, para quem se deixava guiar pela sua fé havia um paliativo. Sofria sem questionar, submetia-se a todos os castigos, deixava-se conduzir de cabeça baixa às câmaras de gás porque assim estava escrito e não haveria mesmo como fugir. Aliás, em inúmeras oportunidades essa leitura da submissão foi associada ao comportamento de todo o povo judeu, que, por uma postura de não-agressão, de não-revidamento, deixou-se subjugar, reduzir, destruir, em famílias, grupos, guetos, cidades, regiões inteiras, movido por um sentimento de incredulidade ou de fé extrema nos desígnios divinos.

Para o intelectual, ao contrário, entende Améry, a experiência era infinitamente mais dolorosa. E não se pode esquecer que, posteriormente à libertação, caberia aos intelectuais, ou ao menos às pessoas com mais esclarecimentos, escrever e manter a memória dos campos. É, portanto, uma memória de dor multiplicada, de consciência dilacerada dos seus próprios destinos e da sua própria tragédia e, ao mesmo tempo, de preocupação em interpretar ou buscar compreender a tragédia alheia, seja a dos *musselmänners*,<sup>11</sup> os indivíduos abandonados à sua própria sorte, os mortos-vivos que constituem a imagem mais aterradora dos campos, seja a mesquinhez ou a atitude eventualmente carregada de heroísmo que se podia testemunhar diariamente nos campos.

---

<sup>11</sup> Mencionado em várias narrativas de sobreviventes, o termo “muçulmano” refere-se, *grosso modo*, aos que sucumbiram psicologicamente às atrocidades nazistas, antes mesmo de perecerem fisicamente. O termo deriva de *Musselmanner* (do polonês *Moslems*) e se tornou palavra de gíria nos *Lagers* significando pessoas próximas da morte pela fome e pelas privações sofridas.

Os campos de concentração são terrenos para tantas atrocidades e para tantos paradoxos que simplesmente seria impossível ao intelectual, naquele momento, saber a que dar mais ou menos importância. Caberia resignar-se ao futuro, a deixar acontecer, mas isso era igualmente impossível para quem ainda trazia dentro de si alguma lembrança do passado, alguma imagem entre filosófica ou poética do ser humano, alguma mensagem de esperança, algum vestígio de noção ética ou moral. Dor extrema, essa dor nascida do testemunho do irracional inspira atitudes, reações e reflexões as mais diversas.

De certo modo, Améry acaba se envolvendo numa pequena polêmica com o italiano Primo Levi, também sobrevivente de Auschwitz, ao lembrar que, para determinadas pessoas, que haviam conseguido se colocar em postos de comando ou em ambientes protegidos, a possibilidade da sobrevivência tinha se tornado mais nítida. Para isso, era necessário trazer consigo algum conhecimento prático de fora do campo porque, em verdade, dizer-se intelectual talvez fosse a maior desdita possível no *Lager*. Para um intelectual, argumenta Améry, a chance de sobrevivência era amplamente diminuída, pois os nazistas valorizavam, na hora da seleção, os conhecimentos práticos, que pudessem servir-lhes nas usinas ou nas fábricas.

Sem dúvida, em Auschwitz o homem de espírito se encontrava isolado, abandonado completamente a si mesmo. Assim, pois, o problema do encontro entre espírito e horror se manifestava ali de um modo mais radical e, se se me permite essa formulação, de um modo mais *puro*. Em Auschwitz o espírito não era nada mais que ele mesmo, e não existia nenhuma possibilidade de integrá-lo em alguma estrutura social, por precária e clandestina que fosse. O intelectual se encontrava, portanto, sozinho com seu espírito, que não era nada mais que puro conteúdo de consciência e não se podia erigir nem impor sobre os cimentos da realidade social. (AMÉRY, 2004, p. 60)<sup>12</sup>

Levi fora admitido como químico em Auschwitz e isso lhe permitira manter-se em ambiente protegido, portanto longe do gelo, da neve, do frio, das longas caminhadas e das pauladas dos agentes nazistas no ambiente geral do campo.

---

<sup>12</sup> Sin embargo, en Auschwitz el hombre espiritual se encontraba aislado, abandonado completamente a sí mismo. Así pues el problema del encuentro entre espíritu y horror se manifestaba allí de un modo más radical y, si se me permite esta formulación, de un modo más *puro*. En Auschwitz el espíritu no era nada más que él mismo, y no existía ninguna posibilidad de integrarlo en alguna estructura social, por precaria y clandestina que fuera. El intelectual se encontraba, por tanto, solo con su espíritu, que no era nada más que puro contenido de conciencia y no se podía erigir no fraguar sobre los cimientos de la realidad social.

Situação similar é a de Jorge Semprun que, ainda que não admitido por um conhecimento técnico ou prático, é indicado ou escolhido por membros da célula comunista do campo de Buchenwald, como ele narra em seus livros de memória sobre o tempo de deportação, para atuar na central de estatísticas de entradas e saídas de pessoas do *Lager*.

Esse conceito de intelectual, na verdade, assenta-se com muita propriedade a Semprun. Por sinal, ele vive uma situação *sui generis*, paradoxal, quase decisiva, em sua biografia e em sua memória de deportado, justamente por conta de seu entendimento pessoal sobre a condição de intelectual. No final de *A escrita ou a vida*, Semprun narra em detalhes o diálogo que teve com um alemão logo à sua chegada ao campo. Longas filas eram formadas para que os deportados se apresentassem individualmente ao encarregado da seleção dos recém-chegados a Buchenwald, classificando-os conforme suas aptidões declaradas ou sobre os eventuais serviços que poderiam cumprir na rotina do campo. Semprun teimava, e já quase com alguma arrogância, em apresentar-se como estudante, enquanto o alemão, membro da facção comunista do campo, o olhava de maneira incrédula. Insistia para que Semprun dissesse afinal de contas que tipo de habilidade prática possuía ou de que maneira poderia ser útil no *Lager*.

Em 29 de janeiro de 1944, em sua entrada em Buchenwald, narra Semprun, ele viu o comunista alemão, encarregado do fichamento, baixar e balançar a cabeça, liberá-lo com um aceno e finalmente inscrever alguma coisa em sua ficha, identificada sob o fatídico e nunca mais esquecido número 44.904.

Durante as décadas todas que se seguiram a Buchenwald e já incorporado à rotina da vida na Europa do pós-guerra, em nenhum momento Semprun duvidou de que tivesse permanecido no campo de concentração durante dois anos como estudante. Soube do equívoco em 1992, quando, a convite de uma emissora de TV, concordou em retornar a Buchenwald para um programa sobre esse campo, com entrevistas de sobreviventes. Num domingo de março, na antiga praça de chamada, lembra ele em *A escrita ou a vida*, a pessoa encarregada de receber a equipe de reportagem e as autoridades lhe informa: “Ele não escreveu ‘estudante’, mas uma coisa totalmente diferente!” Mostra-lhe a sua antiga ficha de prisioneiro em

Buchenwald e descobre que o comunista alemão havia escrito não estudante, e sim “Stukkateur”, talvez por uma associação fonética associada, visto que Semprun respondera em francês. Ou seja, estucador.

Estava segurando a minha ficha na mão, meio século depois, e tremia. Todos tinham se aproximado de mim [...]. Olhavam, estarecidos com o desfecho imprevisto da minha história, essa palavra absurda e mágica, *Stukkateur*, que talvez tenha me salvado a vida. Lembrava-me do olhar de além-morte do comunista alemão tentando explicar por que era melhor ser trabalhador qualificado em Buchenwald. Minha ficha passou de mão em mão, todos soltavam exclamações. (SEMPRUN, 1995, p. 289, grifo do autor)

Depois de cinco décadas, Semprun descobria que, na verdade, ele não havia sobrevivido como intelectual, como estudante, em Buchenwald. Havia sobrevivido, em grande parte, graças a uma liberdade tomada pelo comunista alemão, uma pequena mentira que, contra a sua própria vontade, talvez, lhe permitiu ingressar na fila certa: a fila da vida. Muito mais tarde, quando adotou o esquecimento em nome da urgência da narrativa de suas memórias, mais uma vez ingressou na fila certa. Mas dessa vez por uma decisão pessoal.

Memórias, testemunhos, depoimentos, reflexões, reelaboração posterior de um pensamento sobre o que foi o passado, sobre a vida que se levou. A autobiografia, sob as suas mais variadas manifestações ou possibilidades, não exige, nem requer, fidelidade a um único modelo, a um estilo. Ela é tão versátil talvez justamente porque, como nenhum outro texto, imita, reproduz, representa, ou até “produz” a vida. O verbo “produz” aqui deve ser entendido em lugar de “prolonga”, porque em não poucas oportunidades deu sobrevida a pessoas que estavam decididas a interromper a sua trajetória pessoal, elegendo a morte. No momento de escrever-se, um entusiasmo, um compromisso quase ético e moral consigo mesmo devolveu o fôlego e o ânimo. Afinal, se a vida poderia ser interrompida, a narração dessa vida talvez não devesse ficar interrompida, e então sim exigiria continuidade, processo, amarração do todo. E amarrar o todo, em um texto autobiográfico, significa esperar pelo próximo capítulo, pelo argumento que, em muitos casos, só o dia seguinte poderia trazer.

Deriva, certamente, dessa ampla gama de interesses e de forças em interação, em sua grande maioria divergentes, a expressão adotada por Olmi para conceituar a autobiografia: um “gênero impuro” (OLMI, 2003, p. 141). Ou, em outra definição, que ela introduz a título de questionamento, um gênero “fora da lei?”. Depois de revisar a extensa bibliografia atinente ao tema dos relatos autobiográficos de toda ordem (cartas, diários, poemas autobiográficos, relatos testemunhais, memórias redigidas, romances autobiográficos, entre outros subgêneros e manifestações, artísticas, históricas ou culturais, toda uma gama de experiências textuais em que o indivíduo que escreve procura dar conta, principalmente, de passagens, momentos e situações de sua própria vida), Olmi de certo modo conclui que é muito complicado, se não impossível, abarcar a todos esses modelos em um gênero.

Decorre disso a sua impureza, o seu caráter fora-da-lei, de qualquer lei poética sobre memória, numa conformação sempre emoliente. Chega um momento que cada autobiógrafo, por tratar-se de um olhar seu, por estar submetendo as lembranças a uma organização sua, é soberano para juntar, organizar, estruturar os recortes desse mosaico da memória, dessa colcha de retalhos que conformam o tapete de uma vida.

#### **4 UMA FORÇA PARA A VIDA**

Mas eu acredito na escrita. Em nada mais, somente na escrita. O homem vive como se fosse para Deus. Houve um tempo em que se sabia desse segredo, hoje o esqueceram: o mundo é feito de cacos partidos, um caos escuro, sem nexos, sustentado apenas pela escrita. Se você tem uma idéia do mundo, se ainda não esqueceu tudo o que aconteceu, se chega a ter um mundo, ele foi criado pela escrita, e ela cria sem cessar a teia invisível que ata nossas vidas.

Imre Kertész, *Liquidação*, p.80-81.

Tzvetan Todorov dedica um capítulo inteiro de *Em face do extremo*, um dos livros mais completos e essenciais sobre o comportamento paradoxal do ser humano no ambiente do campo de concentração (de resto estendido para outros ambientes de exposição a situações limites, extremas, de risco real para a vida) a aspectos como o heroísmo, a santidade, a dignidade, os cuidados pessoais, os pequenos gestos cotidianos para manter-se íntegro, o inserir-se numa rotina mais salutar, menos degradante; e, especialmente, a atividade do espírito.

Esse capítulo de certo modo dialoga com a longa reflexão de Jean Améry sobre os dilemas do intelectual no campo e apresenta inúmeros fatos que quase contradizem o memorialista austríaco, ainda que seja necessário relativizar as ponderações de Améry pelo contexto, pela motivação e pela derivação que as move. Améry é sobrevivente, testemunhou o infortúnio de perto; Todorov, às expensas da plena seriedade e da ética que permeiam suas reflexões sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre o holocausto, orienta-se por suas intensas leituras, por depoimentos de sobreviventes. Ele pessoalmente não testemunhou essas circunstâncias, mas sua interpretação das situações descritas é muito oportuna e ilustrativa. Aliás, em outro momento de seu livro, Todorov lembra que, de parte dos algozes, há depoimentos que desmistificam o comportamento algo demoníaco dos algozes, lembrando que não se trata nem de santos, nem de feras, mas quase sempre de pessoas comuns para quem bastava uma mínima oportunidade de partilhar do poder.

Particularmente as atividades do espírito, como são referidas por Todorov, remetem à experiência pessoal de Jorge Semprun enquanto deportado. Em *A escrita ou a vida* e em *Um belo domingo*, Semprun recorda a preocupação que ele e outros colegas mais próximos mantinham, em Buchenwald, no que diz respeito a uma rotina. A ordem era não se entregar ao desespero, não se deixar isolar demais, não sucumbir sozinho ao medo e às adversidades. Bastava olhar para o lado e constatar o que acontecia com quem se descuidava de si, com quem era relapso e, principalmente, com quem se expunha exageradamente ou desnecessariamente a riscos, fossem de quais tipos fossem.

Assim, procurar manter o corpo limpo, fixar para si algumas pequenas tarefas para criar ainda que uma ilusão de rotina, não desprezar as oportunidades de alimentar-se com as rações sempre limitadas, tudo era mais salutar que descuidar-se. Havia o risco das doenças, de se machucar no trabalho, de o alimento não ser suficiente. Semprun, como Levi e Kertész, ou como Varlam Chalamov, em *Contos de Kolimá*, lembra que a fome era preocupação constante e incontornável. Dia e noite, o corpo pedia alimento e a ração nunca era suficiente.

Em Buchenwald, assim como em qualquer campo de concentração, a solidão era, de pronto, um dos grandes desafios a superar. À detenção e à viagem até o campo, numa sucessão de novos acontecimentos, de surpresas que eram recebidas com incredulidade, com indecisão, de repente se seguia a dura verdade: estava-se numa prisão em que não havia direitos e onde era necessário o mais rapidamente aprender a inserir-se nos “deveres” para não sucumbir ou morrer imediatamente. Dentro do campo, o deportado era um inimigo, um adversário, um indesejado, cujo único papel a cumprir era ser explorado para determinadas atividades enquanto ainda mostrasse saúde ou energia para isso. Também poderia ser submetido a algumas experiências, de um jeito ou de outro, humilhantes e/ou dolorosas.

Nesse contexto, Semprun conseguiu manter uma rotina diferente da narrada por outros sobreviventes, ou que, eventualmente, o aproximavam de alguns sobreviventes citados por Todorov. Ele procurava exercitar-se em relação às atividades do espírito. Tendo em vista que era um adepto da busca pelo saber, como estudante de Filosofia em Paris, Semprun era assaltado no dia-a-dia de Buchenwald pela lembrança de romances que havia lido, de poemas que havia conhecido, de autores com os quais simpatizava, da música, das artes em geral. Por essa mesma razão, a memória do holocausto na obra de Semprun é a memória dos autores e das obras nos quais e nas quais se apoiou para constituir-se enquanto cidadão, enquanto intelectual, enquanto ser humano.

Considerando-se a situação do próprio Semprun, com seu testemunho e a maneira como suas lembranças do campo de concentração são elaboradas, a maneira quase lírica, pelo viés da ficção ou da literatura com que a verdade é

revelada, soa, no mínimo, paradoxal a afirmação clássica de Adorno segundo a qual não seria mais possível escrever poesia depois de Auschwitz. Em outras palavras, como lembra Gagnebin (2006), o que o filósofo alemão entendia é que qualquer gesto lírico depois do holocausto seria bárbaro. Mas o que dizer, então, da própria obra testemunhal de autores como Semprun, que praticamente apóiam seu movimento de lembrança dos horrores do campo de concentração sobre um gesto poético, quase com instinto vital de sobrevivência? A própria tentativa, postura, assumida por Semprun, de esquecer, de “deixar para lá”, para poder inserir-se novamente numa rotina, praticamente sugeria uma evasão, uma fuga para a poesia, para a arte, a fim de encontrar paliativo para as lembranças pesadas e cruéis demais.

Grass (1999) recorda do modo como a sua geração havia recebido as palavras de Adorno, não apenas com estranhamento como especialmente com inconformidade. Numa fala sob o título “Escrever depois de Auschwitz”,<sup>13</sup> afirma que, pessoalmente, esforçou-se para responder a essa afirmação do filósofo. Mais ainda: lembra do sentimento de incredulidade com que os alemães mais novos haviam recebido as notícias acerca das aberrações praticadas pelos nazistas nos campos.

Porque quando, com muitos de minha geração [...] me vi confrontado com os resultados de crimes dos que eram responsáveis alemães e que, desde então, se resumem na idéia de Auschwitz, me disse: nunca. Me disse e disse a outros, e os outros se disseram e me disseram: Um alemão nunca faria algo assim. (GRASS, 1999, p. 11)<sup>14</sup>

Mas um alemão – ou melhor, os alemães – haviam realmente feito algo assim.

Talvez por isso mesmo, imediatamente, Grass tenha sido levado a uma constatação que, seis décadas depois da libertação dos campos e em pleno século XXI, ainda persegue estudiosos e intelectuais de todas as frentes do saber: “Auschwitz, ainda que se cerque de explicações, nunca se poderá entender”

<sup>13</sup> *Escribir después de Auschwitz*, na tradução para o espanhol, em edição da Paidós (1999), da leitura literária de *Schreiben nach Auschwitz*, realizada em Frankfurt em 1990.

<sup>14</sup> Porque cuando, con muchos de mi generación [...], me vi confrontado con los resultados de crímenes de los que eran responsables alemanes y que, desde entonces, se resumen en la idea de Auschwitz, me dije: nunca. Me dije e dije a otros, y los otros se dijeron y me dijeron: Un alemán nunca haría algo así.

(GRASS, 1999, p. 12)<sup>15</sup>. Claro que a explicação de Grass não é suficiente, sua leitura não pode ser a última, e não se poderia mesmo deixar tudo por isso mesmo: como um fato, uma ocorrência de motivador humano, um fenômeno, que não se pode entender. Dentro dessa mesma linha, e por essa mesma derivação, talvez nunca se poderia entender a atitude dos europeus colonizadores em relação aos índios, aos astecas, aos incas, aos maias, na América, ou dos mesmos europeus colonizadores em relação às populações locais em suas colônias africanas. Agora, no entanto, talvez o incompreensível estaria no fato de europeus (e agora alemães, esse povo tido como tão culto, como expoente das artes, da filosofia e das ciências) estarem infligindo semelhantes castigos em outros europeus, seus vizinhos, seus iguais?

Independentemente de diferenças, ou guardadas as proporções, como se poderia dizer, nessa fábrica da morte, nessa usina da morte programada e eficiente que eram os campos de extermínio nazistas, onde Auschwitz assume-se como metáfora de morte, de inferno, como sinônimo de holocausto, a verdade é que a confissão de *mea culpa*, que Grass faz em nome de sua geração, era necessário. Poderia não resultar em nada efetivo, poderia até mesmo não garantir que o esquecimento um dia se desse e permitisse a repetição de um evento similar (afinal, onde há esquecimento pode-se incorrer no mesmo erro, errar hoje o caminho que ontem alguém vindo antes de mim errou...).

Mas era necessário. Uma pena que o próprio gesto de toda uma vida de Grass tenha sido manchado com uma informação constante em seu livro de memórias, *Nas peles da cebola*<sup>16</sup>, onde confessa que, adolescente, havia se engajado na juventude nazista, informação que ele omitiu ao longo de todas essas décadas. Tal confissão – e a maneira como ela foi realizada, em um romance, quase como um efeito de marketing – levou a uma releitura de suas ponderações anteriores e da maneira ferrenha com que exigiu dos alemães um posicionamento sobre o mal cometido pela geração do nazismo.

---

<sup>15</sup> Auschwitz, aunque se rodee de explicaciones, nunca se podrá entender.

<sup>16</sup> Esse volume, ao qual não tive acesso durante a elaboração do presente trabalho, foi lançado no Brasil no segundo semestre de 2007: GRASS, Günter. *Nas peles da cebola*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Record, 417 p.

Grass lembra que, entre os de sua geração, o imperativo de Adorno havia sido compreendido como uma proibição. Muitos anos tiveram que decorrer até que a afirmação de Adorno viesse a ganhar um novo olhar. A poesia não estava proibida; a verdade é que a poesia não poderia mais ser como era antes, porque agora o gesto poético teria que, impreterivelmente, e inevitavelmente, levar Auschwitz em conta. Ou seja, escrever poesia e não se dar conta de que o holocausto havia acontecido já não seria mais possível. O bárbaro do ato de escrever poesia estaria em fazer de conta que Auschwitz não houvesse existido. O próprio Adorno fora levado a constatar que a poesia em si não poderia deixar de permanecer, de continuar, de fazer um sentido, depois de ter lido Paul Celan. Compreendeu que a poesia de um sobrevivente, uma poesia ela mesma testemunhal das agruras sofridas, da experiência cruel que haviam sido os campos de concentração, essa poesia mostrava-se ainda com mais força, mais vigorosa, ainda que esse vigor e essa força agora residissem quase na impossibilidade de dizer.

A poesia de Celan caminha da verdade dos fatos e da carga metafórica de suas imagens, como no célebre poema “Fuga da morte” (*Todesfuge*, no original) para um hermetismo e uma incomunicabilidade extrema, total, completa, em seus poemas da última fase. Em Celan estava, além disso, e em mais um paradoxo cruel, um judeu sobrevivente do holocausto que permaneceu escrevendo poesia depois de Auschwitz e em alemão, a sua língua materna, no entanto a língua dos assassinos de sua família. Celan permaneceu escrevendo em alemão, talvez mesmo como uma tentativa desesperada, angustiada, de buscar, através da linguagem, uma explicação ou um sentido para a loucura impetrada por esse povo do qual herdara justamente a própria linguagem que o conformava. Na complexidade dessa trama demoníaca, já em Paris, buscou a evasão definitiva afogando-se nas águas do Sena, em 1970.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Em *A escrita ou a vida*, Semprun menciona a visita que Celan teria feito a Heidegger, na chácara que este habitava, em Todnausberg. Celan teria ido a Heidegger na esperança de ouvir deste alguma explicação mais convincente sobre o por que de sua aparente “adesão” – ou de seu silêncio em relação – ao nazismo. Semprun entende que esta entrevista configura tentativa desesperada de um sobrevivente, de um poeta judeu já famoso, de ouvir do pensador de renome que Heidegger já era uma razão para esse paradoxo: mais do que um filósofo cuja reflexão havia orientado o pensamento de muitos intelectuais, Heidegger havia tido relação afetiva com a pensadora judia Hannah Arendt. Por isso, o fato de ele não ter se colocado contrário ao nazismo motivava ainda mais incompreensão. Não ter obtido de Heidegger nenhuma explicação, analisa Semprun, certamente frustrara imensamente o poeta, que pouco tempo depois, de fato, se suicidava nas águas do Sena.

Grass, em suas reflexões sobre o ato de escrever depois de Auschwitz, compromete toda a sociedade ocidental no esforço para compreender como o holocausto fora possível.

Por muito tempo que tenha passado desde então, apesar de todo o empenho de alguns historiadores por citar casos comparáveis para atribuir subrepticamente uma importância histórica relativa a uma fase chamada desgraçada da história alemã, o que se precisa confessar, lamentar ou dizer de algum modo – também nesse discurso – por uma sensação de culpabilidade, o monstruoso, referido ao nome de Auschwitz, seguiu sendo inconcebível precisamente porque não é comparável, porque não se pode justificar historicamente com nada, porque não é associável a nenhuma confissão de culpa e se tem convertido assim em ponto de ruptura, de forma que resulta lógico fechar a história da Humanidade e nosso conceito da existência humana com acontecimentos ocorridos antes e depois de Auschwitz. (GRASS, 1999, p. 13)<sup>18</sup>

Esse movimento de incredulidade ou de confissão de fraqueza, de incapacidade de buscar uma interpretação diante do que foi o holocausto, foi citado também pelo sociólogo Bauman (1998). Mas com uma outra finalidade. Bauman, que conheceu a memória do holocausto por intermédio das palavras de sua esposa, a sobrevivente Janina, que deixa seu depoimento através do relato *Inverno na manhã* (2005), diz que a modernidade implica estar confrontada com a consciência de que houve campos de concentração e de extermínio em que desapareceram, programaticamente, milhões de pessoas. Ele entende ser indispensável vencer, ultrapassar, a barreira da compreensão, assumida inclusive por sobreviventes, especialmente os judeus, de que o holocausto, ou a *Shoah*, não podem ser compreendidos, entendidos, que não há sequer um parâmetro de análise. Essa atitude, essa opinião, que coloca o holocausto como um evento extremo, um não-evento, um vácuo, é quase sacralizador.

---

<sup>18</sup> Por mucho tiempo que haya pasado desde entonces, a pesar de todo el empeño de algunos historiadores por citar casos comparables para atribuir subrepticamente una importancia histórica relativa a una fase llamada desgraçada de la historia alemana, lo que se suele confesar, lamentar o decir de algún modo – también en este discurso – por una sensación de culpabilidad, lo monstruoso, referido al nombre de Auschwitz, ha seguido siendo inconcebible precisamente porque no es comparable, porque no puede justificarse históricamente con nada, porque no es asequible a ninguna confesión de culpa y se ha convertido así en punto de ruptura, de forma que resulta lógico fechar la historia de la Humanidad y nuestro concepto de la existencia humana con acontecimientos ocurridos antes y después de Auschwitz. La memoria no es solo responsable de nuestras convicciones sino también de nuestros sentimientos. A lo largo de cuarenta años el autor ha escrito una decena de libros, logrando construir de ese modo, tenazmente, un edificio literario de notable calidad y de gran interés para los historiadores. Cada una de esas obras es en realidad el mismo libro que se re-escribe sin cesar, con datos nuevos, juicios ponderados por la experiencia, recursos narrativos más complejos, pero el mismo libro; un libro al modo de la biblioteca de Borges: infinito.” Essa consideração consta no artigo que Carlos Fernández assina para a *Revistas Culturales*, editada em formato *online* em 28 de junho de 2006. Nesse sentido, ver as referências ao final.

Bauman considera ser urgente um movimento, um esforço, de todos os campos do conhecimento, particularmente da sociologia, da filosofia e da própria história, por analisar a fundo os antecedentes e os fatores mesmos que permitiram ao genocídio assumir tamanha dimensão, tamanha complexidade, deixar tamanha cicatriz no seio da humanidade.

## 5 SOBRE VIVER

Será que eu realmente voltei?

Jorge Semprun, *A escrita ou a vida*, p. 192.

O que é sobreviver? Essa pergunta permeia a obra daqueles que voltaram do campo de concentração e, de certo modo, atravessaram a barreira da morte. Com Semprun não seria diferente. Em *A escrita ou a vida*, particularmente, ele reflete sobre os conceitos envolvidos com a alteridade, com a autocompreensão, com a esperança, com a solidão. Numa associação em que naturalmente se deve guardar as devidas proporções e buscar apenas o sentido existencial, o campo de

concentração transforma-se, para o deportado, numa ilha estranha, assustadora, tenebrosa, um ambiente selvagem do qual se deve rapidamente aprender a ler seus humores, os gestos, as atitudes e as reações de quem domina, para ter alguma possibilidade de sobrevivência.

À maneira de um sintomático Robinson Crusóé do século XX, quem é levado a um campo de concentração torna-se uma espécie de naufrago da derrocada do relacionamento humano em sociedade. A esse cabe reinventar, restabelecer parâmetros em um mundo adverso – em que não há estado de direito, mas vigora, isto sim, o estado de exceção, como bem lembra Giorgio Agamben<sup>19</sup>, e onde a subversão de qualquer lógica no respeito e na organização humanos se torna a grande regra. Não por acaso, quem adentrava o campo de concentração como deportado era submetido a uma série de rituais iniciáticos degradantes, que rapidamente o faziam constatar, normalmente incrédulo, que ali sua vontade, seu amor-próprio, seus referenciais enquanto pessoa ou o conhecimento eram moeda sem qualquer valor.

Há ao menos duas situações que se podem referir dentro dessa imagem do campo de concentração como uma ilha deserta em relação à qual o deportado precisa aprender a lidar com a solidão absoluta. Mesmo rodeado de milhares de pessoas, e ainda que inserido numa rotina de tarefas, com inúmeros deveres que lhe exigem atenção, persistência e respeito às regras, ele na verdade é um ser solitário. Praticamente não há com quem contar na luta pela sobrevivência, na disputa pela ração diária, no consolo de uma palavra amiga.

A primeira dessas situações diz respeito à imagem criada por Primo Levi, com seu livro *Os afogados e os sobreviventes*. Os *afogados*, na interpretação de Levi, são especialmente os *müsselmanners*, que, por sua degradação física ou moral, começam a ficar à margem e sucumbem, como verdadeiros zumbis em pleno campo. Eles estão por toda a parte, doentes, sujos, debilitados, e revelam sua condição de mortos-vivos principalmente pelo olhar. Como lembra Levi, nos olhos da pessoa transparece, no campo, o primeiro sinal de entrega, de risco e então é

---

<sup>19</sup> Sobre esta temática, sugere-se seu livro *Estado de exceção* (2004), citado nas *Referências* ao final deste trabalho.

preciso agir rápido, muitas vezes já sem nenhuma chance de fazê-la voltar à vida, de acreditar na sobrevivência. Os olhos revelam a entrega, revelam que acabou a força para “nadar contra a corrente” e colocar-se em um ambiente mais propício à salvação. Afogados e sobreviventes, na imagem de Levi, remetem claramente à idéia do campo como uma ilha, e da sociedade como um todo assumindo a condição de um oceano que precisa ser atravessado.

Nesse ambiente que foge a qualquer compreensão imediata, o drama da sobrevivência e o isolamento tornam-se mais intensos porque não se sabe qual linguagem adotar para estabelecer algum contato, seja com o colega de infortúnio, seja com o agressor. A incomunicabilidade recorda Levi, era quase total, ainda mais porque num campo de concentração conviviam deportados oriundos de quase todas as nações européias, numa Babel de línguas, de hábitos e costumes que radicalmente eram pressionados no mesmo caldeirão. Constrangimentos, desentendimentos, incompreensões eram as decorrências naturais.

Na memória de todos nós, sobreviventes, sofrivelmente políglotas, os primeiros dias de *Lager* ficaram impressos sob a forma de um filme desfocado e frenético, cheio de som e de fúria, e carente de significado: um caleidoscópio de personagens sem nome nem face, mergulhados num contínuo e ensurdecido barulho de fundo, sobre o qual, no entanto, a palavra humana não aflorava. Um filme em cinza e negro, sonoro mas não falado. (LEVI, 2004, p. 81)

Corroborando a imagem do deportado como um naufrago, Semprun dialoga em *Um belo domingo* com o romance *Suzana e o Pacífico*, de Jean Giraudoux. Esse livro, enfatiza Semprun, não lhe vem à memória unicamente porque admira Giraudoux, autor de resto referido dezenas de vezes ao longo de sua obra, num diálogo que acaba se tornando quase essencial para compreender a poética do próprio autor espanhol. Giraudoux se impõe graças à imagem de Susana em sua ilha, sozinha, angustiada, mas encontrando, ao mesmo tempo, consolo na lembrança do Marne.

O romance de Giraudoux tornou-se um ícone, um emblema do século XX, pela releitura da obra-prima de Daniel Defoe sob a ótica de uma naufraga, e não mais de um homem. É certamente digno de reflexão mais prolongada que Susana, como única sobrevivente de um navio que naufraga no oceano Pacífico, adote uma

postura completamente diferente do racional e pragmático Robinson Crusoe. Semprun vai enfatizar o quanto consolava, em Buchenwald, que, a exemplo de Suzana, a convicção de que o Marne permanecia lá, em Paris, esperando, que nem tudo poderia ter sido destruído pelo agressor, o quanto, enfim, essa consciência se tornava importante para resistir, para dar ânimo, para manter a esperança e a confiança numa possível libertação. Mais ainda, essa certeza era uma oportunidade de evasão, e que se acentua, em Semprun, ao associar-se com a imagem dos domingos à tarde, o único momento de liberdade, de entrega aos seus próprios devaneios, de intervalo nos trabalhos árduos e na vigilância ininterrupta dos nazistas em todos os demais momentos.

Por isso, a imagem do Marne está associada a uma outra expressão paradoxal, totalmente incongruente, que aparece em Semprun como um contraponto para toda a dor e toda a angústia do campo de concentração: “Rapazes, que belo domingo!”, brada o *alter ego* do próprio Semprun no romance. “Olha o céu e diz aos rapazes que é um belo domingo. Mas no céu vê-se apenas o céu, o negro do céu, a noite do céu, cheia de neve que turbilhona à luz dos holofotes. Uma luz dançante e gelada” (SEMPRUN, 1982, p. 25).

E o romance revela a chave dessa euforia, desse entusiasmo desmedido no ambiente da morte:

Uma lembrança, sem dúvida, dos belos domingos de outrora, envolvendo-o no momento em que ia mergulhar nos turbilhões de neve, fez com que ele gritasse daquele modo, e lançasse aquele riso desesperado.

Que belo domingo, ô rapazes, nas margens do Marne!  
Sem dúvida não pôde resistir à beleza daquele belo domingo de outrora nas margens do Marne, que invadiu subitamente a sua memória, enquanto olhava os turbilhões de neve sobre o Ettersberg. Talvez tenha sentido a estupidez inaceitável deste mundo onde existem domingos no Marne – além, ontem, longe, do outro lado, lá atrás – e depois esta neve fofa e obstinada do Ettersberg. Gritou talvez para se libertar dessa estupidez, para denunciá-la, ao menos, embora de modo indireto. Se ele tivesse exclamado: é lindo o Marne, no domingo! ninguém teria compreendido suas palavras. (SEMPRUN, 1982, p. 26)

Mais adiante, Semprun volta ao tema da naufraga de Giraudoux, agora para associar essa lembrança de Suzana <sup>20</sup> à lembrança de outras circunstâncias que o transportavam para além das cercas de Buchenwald, que restauravam um pouco de confiança e de humanidade no coração do deportado:

Como Suzanne na sua ilha do Pacífico consolava-se de sua solidão invocando o Marne – e eu sabia de cor essas páginas de Giraudoux, e poderia tê-las recitado em 1969, encostado ao balcão daquele pequeno café em Dean Street, poderia tê-las gritado na noite de Buchenwald, em 1944, mesmo com o risco de espantar Fernand Barizon, posso repeti-las aqui mesmo, neste instante: [...] —, como Suzanne evocava o Marne, eu evocava a lembrança de Piotr: sua alegria, sua coragem, sua noção de fraternidade. (SEMPRUN, 1982, p. 131)

Infelizmente, ao contrário do que acontecia com a Suzana de Giraudoux, entretanto, a perspectiva do retorno à vida, ao mundo que ficara para trás, era muito precária. O deportado sabia que não apenas havia ficado um hiato de história, de rotina, entre o momento da prisão ou da deportação ao campo e um possível posterior retorno à sua cidade ou à sua comunidade. As palavras finais do romance de Giraudoux, quando o desconhecido saúda Suzana (“Sou apenas um aferidor de pesos e medidas, senhorita! Não é preciso chorar...”), definitivamente não poderiam servir para o deportado que chegava de volta. Depois da Guerra, depois do *Lager*, depois do holocausto, aferir pesos e medidas dessa tragédia seria tarefa pouco possível para o ser humano. E certamente havia todas as razões para chorar. Durante anos e anos.

Sobreviver constituía, portanto, quase uma vertigem, porque interligava o quase impossível, driblar a morte, e retornar à vida. Nessa hora, para responder mesmo à questão de “o que é sobreviver”, seria necessário também compreender quem sobreviveu e por quê. E havia naturalmente motivadores para querer sobreviver. Elie Wiesel, que em 1983 mereceria o Prêmio Nobel da Paz por seu envolvimento nas campanhas de esclarecimento e para inibir todo o tipo de discriminação ou de perseguição política ou étnica, de maneira indireta responde a essa questão com outra explicação: “Por que escrevo? Talvez para não

---

<sup>20</sup> No caso específico da grafia do nome Suzana aqui adotada, observamos que a personagem é assim nominada na tradução para o português assinada por Nair Lacerda, na edição da Difusão Européia do Livro, de 1958 (*Suzana e o Pacífico*). Já na tradução para o romance *Um belo domingo*, de Semprun, a tradutora Aulyde Soares Rodrigues mantém a grafia Suzanne, como se verá logo adiante.

enlouquecer. Ou, ao contrário, para atingir o âmago da loucura” (WIESEL, 1984, p. 7).

E mergulhar a fundo na loucura é principalmente lembrar, fazer lembrar. O importante, compreender Wiesel, é impedir o esquecimento, por mais doloroso que isso seja, por mais que isso custe ao sobrevivente. É praticamente, em sua avaliação, um compromisso moral, um compromisso ético e humano com todos aqueles que sucumbiram. É uma forma de sentir-se maior do que a própria agressão sofrida, do que o agressor, para quem tudo que realmente importa é que seus atos sejam esquecidos.

O esquecimento: obsessão maior, lancinante, de todos os habitantes do universo maldito. O inimigo apostava no esquecimento e na incredulidade. Como fazer para frustrar-lhe os planos? E se a memória perdesse sua substância, o que aconteceria com o que reunimos ao longo do caminho?

“Lembre-se.” era o que o pai dizia a seu filho, e este a seu companheiro. “Guarda os nomes. Os rostos. As lágrimas. Se, por milagre, escapar, procure revelar tudo, nada omitir, nada esquecer.” Foi o que cada um de nós se prometeu: “Se eu, por milagre, escapar, consagrarei minha vida a testemunhar por aqueles cuja sombra pesará sobre a minha por todo o sempre”.

Eis porque escrevo certas coisas mais do que outras: para não mentir. (WIESEL, 1984, p. 9)

No entanto, lembrar nem sempre era tão simples assim. Lembrar nem sempre era o equivalente a sobreviver, e a tarefa a cumprir para com quem havia sucumbido, para com o afogado, como diria Primo Levi, podia ser ainda mais traumática do que a experiência em si. “O sobrevivente tem vontade de gritar, mas o grito se transforma em murmúrio”, confessa Wiesel (1984, p. 9). E continua:

Trata-se de uma escolha, é preciso permanecer fiel. É uma palavra imponente, eu sei. Emprego-a assim mesmo, azar. Ela me convém. Tendo escrito o que escrevi, posso me permitir não mais jogar com as palavras. Se digo que o escritor em mim obedece a um dever de fidelidade, é porque é verdade. Este sentimento anima a todos os sobreviventes; eles nada devem a ninguém, mas devem tudo aos mortos.

Eu lhes devo minhas raízes e minha memória. Tenho para com eles a dívida de transmitir a história de seu desaparecimento, mesmo se ela incomoda, mesmo se faz mal. Não fazê-lo seria traí-los, portanto, trair-me. E como me sinto incapaz de comunicar seu grito gritando, contento-me em olhá-los. Ao escrever, é a eles que vejo. (WIESEL, 1984, p. 9)

A partir das palavras de Wiesel, sobreviver é fazer uma escolha e manter-se fiel a um compromisso; é não se trair dentro do propósito de realimentar a memória dos mortos, de transmitir o seu desaparecimento. Mas talvez mais do que isso, uma vez que se exige a linguagem, as palavras, narrar é selecionar, é optar, é representar (re-apresentar) para que outros possam compreender. Talvez para que o próprio sobrevivente possa, enfim, à distância e abstraído da realidade do campo, entender, compreender, alcançar uma dimensão nova da sua própria tragédia.

A enorme dificuldade de “representar”, de compreender a catástrofe que foi principalmente o holocausto, ou a *shoah*, como ele próprio prefere, foi analisada por Márcio Seligmann-Silva. A partir da leitura de depoimentos ou de textos de sobreviventes, Seligmann-Silva constata o quanto, a partir do advento da Segunda Guerra Mundial, qualquer interpretação dos fatos pela história, pela sociologia ou pela própria filosofia tornou-se um fardo muito pesado, complicado demais.

Com a nova definição da realidade como catástrofe, a representação, vista na sua forma tradicional, passou ela mesma, aos poucos, a ser tratada como impossível; o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da “realidade”. (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 75)

A impossibilidade de a linguagem dar conta da representação de uma realidade, inclusive a partir do testemunho de alguém, é associada por Seligmann-Silva à noção do sublime, como aparece na filosofia clássica. Em pensadores como Kant, Schlegel e Novalis, Seligmann-Silva identifica que a ausência de limites é a marca central do sublime (daí a composição *sub-limen*, abaixo do limite), e em franca oposição ao belo. Ou seja, eventos como a *shoah* são sublimes justamente porque se colocam fora do limite de compreensão, fora de qualquer perspectiva de entendimento. O subliminar, em outras palavras, seria aquilo que falta compreender, que está ali, latente, mas que ainda não pôde ser identificado, que talvez nem seja mesmo identificado. Mensagem subliminar. O que busca o sobrevivente, o que busca a testemunha do holocausto, de certo modo é essa mensagem subliminar, esse conteúdo incerto, mas que talvez revele o segredo da sua própria sobrevivência, e que está, quem sabe, no conjunto dos depoimentos, e não em apenas um deles. Wiesel, ao seu jeito, aponta essa angústia, esse desafio talvez

ingrato, talvez inalcançável, nem por ele mesmo, enquanto sobrevivente erigido em testemunha; nem pelo leitor.

Não, eu não compreendo. E se escrevo é para prevenir o leitor que ele também nunca compreenderá. “Vocês não poderão compreender, nunca poderão saber”, era a expressão que se encontrava, durante o reinado da noite, em todos os lábios. Posso apenas renová-la: “Vocês que não estiveram sob o céu de sangue jamais saberão o que foi aquilo. Mesmo que leiam todos os livros, mesmo que escutem todos os testemunhos, permanecerão deste lado da muralha; vocês não verão a agonia e a morte de um povo a não ser de longe, como através da tela de uma memória que não é a sua. (WIESEL, 1984, p. 11)

Portanto, o testemunho em si, como aliás Todorov havia alertado em relação aos abusos da memória, não é garantia de compreensão: nem de que a testemunha em si consiga compreender, nem de que seu interlocutor, leitor ou ouvinte, compreendam. Mas ele se faz necessário mesmo assim, porque fica como a lembrança, para que não ocorra o silêncio, que em geral significará alguma coisa, outra coisa, mas provavelmente jamais o que a testemunha gostaria que fosse compreendido. Semprun, por sinal, parece ter intuído que a memória muitas vezes é mais saudável ao organismo, ao sobrevivente, à sociedade, quando momentaneamente deixada em descanso. Que as coisas a serem lembradas possam primeiro ser assimiladas, que elas possam primeiro ser admitidas, por mais dolorosas que sejam. Imagens, palavras ao acaso, sons, cheiros, paisagens, tudo que de algum modo fala aos sentidos ou que os sentidos humanos captaram imprimem uma linguagem sobre a pele, sobre a consciência, sobre a inconsciência.

O que o sobrevivente traz do campo de concentração não são apenas as marcas visíveis em seu corpo, um número, um símbolo, a sua reificação perante o mundo, a marcação a tinta ou a ferro que o transforma em boi de manada; o que ele traz são histórias. Cabe encontrar o tom certo, o ritmo certo, o estilo certo, para permitir que esse romance, essa ficção de sua própria vida, que é a ficção do passado, torne-se coerente nas páginas do livro ou na memória de quem lê.

Não custa referir as palavras de Todorov: “A memória não é só responsável por nossas convicções, mas também por nossos sentimentos” (TODOROV, 2000, p.

26)<sup>21</sup>. E é provavelmente pelos sentimentos, e não pela memória, que o sobrevivente pode se libertar, ainda que momentaneamente, do trauma, e esperar o momento certo, um pouco menos complicado, de acertar contas com seu passado. No caso de Semprun, o dilema de escrever, de testemunhar, o perseguiu durante os meses que se seguiram ao retorno do campo de concentração. Em 1947, lembra ele em *A escrita ou a vida*, havia abandonado radicalmente o plano de escrever, vontade que lhe viera com a ânsia de comunicar o que havia testemunhado, visto, passado. “Tornara-me um outro, para permanecer em vida” (SEMPRUN, 1995, p. 190). Mas a necessidade de decidir se manifestara muito antes. Em Ascona, recorda, em dezembro de 1945, quando completava seus 22 anos, havia sido intimado a escolher entre a escrita e a vida. “Fui eu que me intimei a fazer essa escolha, por certo. Era eu que tinha que escolher, só eu” (SEMPRUN, 1995, p. 190). Para Semprun, manter-se preso às lembranças de Buchenwald era manter-se preso ao risco da morte, à humilhação, a um terreno pantanoso e, por isso, perigoso demais.

Qual um câncer luminoso, o relato que eu me arrancava da memória, fiapo por fiapo, frase por frase, devorava minha vida. Meu gosto de viver, quando nada, minha vontade de perseverar nessa alegria miserável. Tinha certeza de que estava chegando a um ponto último, quando deveria registrar o meu fracasso. Não porque não conseguia escrever: mas porque não conseguia sobreviver à escrita. Só um suicídio poderia assinar, pôr fim voluntariamente a esse trabalho de luto inconcluso: interminável. Ou a própria inconclusão lhe poria fim, arbitrariamente, pelo abandono do livro em andamento. (SEMPRUN, 1995, p. 190)

Informa, então, quando de suas recordações de sobrevivente do holocausto, nesse livro só publicado finalmente em 1994, meio século depois da libertação, que uma mulher o segurava em vida, o mantinha apegado à vontade de dar continuidade a sua história pessoal. “Uma moça, sem saber, sem tê-lo premeditado, segurou-me na vida. Chamava-se Lorène. [...] Salvou-me – ou perdeu-me: não me cabe julgar; recuso antecipadamente qualquer julgamento a esse respeito –, manteve-me na vida, de um jeito ou de outro” (SEMPRUN, 1995, p. 190). Era com Lorène que se encontrava em Ascona, no inverno de 1945, e que sentiu a convicção de abandonar a escrita para viver a vida.

Graças a Lorène, que não sabia nada a respeito, que nunca soube de nada, voltei à vida. Quer dizer, ao esquecimento: a vida era a esse preço. Esquecimento deliberado, sistemático, da experiência do

---

<sup>21</sup> La memoria no es solo responsable de nuestras convicciones sino también de nuestros sentimientos.

campo. Esquecimento da escrita, também. Na realidade, estava fora de cogitação escrever sobre qualquer outra coisa. Teria sido ridículo, talvez até ignóbil, escrever qualquer coisa contornando essa experiência.

Tinha de escolher entre a escrita e a vida, escolhi esta.

(SEMPRUN, 1995, p. 191)

Nesse mesmo tempo, defronta-se com a *Carta sobre o poder de escrever*, da amiga Claude-Edmonde Magny, que é dedicada inteiramente a sua pessoa, e Semprun de certa forma intui que o poder da escrita, naquele momento, para si mesmo, é diretamente proporcional à recusa de escrever. Quanto mais recusa, naquele momento, mais se torna escritor, justamente porque a sua carga de conteúdos e de força criadora permanece em latência, até o momento certo. Não era possível, de imediato, com a experiência da morte em Buchenwald tão próxima, escolher a escrita e ainda manter a vida. Era uma, ou outra. Curiosamente, para Semprun, escritor cuja obra é toda ela uma única e grande abordagem de um mesmo tema (a condição de deportado), sobreviver era fugir da escrita.

## **6 UMA POÉTICA DA MEMÓRIA**

Jorge Semprun não constitui apenas mais um dentre os inúmeros memorialistas do holocausto, da aventura ou desventura nazista em sua escalada ao poder, em seu intuito genocida, em sua tentativa de dominar a Europa e de estender seus tentáculos para territórios cada vez mais afastados. Os nazistas moviam-se em nome de uma ideologia, ou seja, inspirados em uma idéia, e lançaram mão de todos os subterfúgios para consagrar Hitler ao poder soberano e a Alemanha como guia para a Europa.

A trajetória de Semprun posterior ao seu retorno de Buchenwald é marcada por situações e por vivências que o alçam à condição de nome referencial, inclusive para repensar e para iluminar sob outro prisma a própria literatura de cunho autobiográfico. Em Semprun e suas obras não há um programa, não há um roteiro, não há um processo claro, nítido, metódico. Para chegar a essa constatação, e ao impacto e à surpresa dela decorrentes, basta ler e cotejar outros memorialistas auto-referenciais sobre o holocausto, como Elie Wiesel, Primo Levi, Imre Kertész, entre outros, ou mesmo as mulheres sobreviventes que deixaram uma obra testemunhal sobre esse período.

Semprun, talvez por sua formação muito peculiar, diferenciada, por sua condição de estudioso de filosofia e por suas inúmeras leituras, sempre imprimiu a seu estilo de texto, inclusive nos livros de cunho mais declaradamente autobiográficos ou memorialísticos, um viés ficcional, um ritmo e um sabor literário. Em *A escrita ou a vida*, onde justamente se reporta de maneira mais direta, explícita, clara e testemunhal a Buchenwald, apresenta aquilo que se poderia compreender ou entender como a sua “poética da memória”, como a interpretamos ao longo desse estudo.

O escritor espanhol rapidamente concluiu que a experiência radical de deportado, as imagens que haviam ficado gravadas na memória, as lembranças que retornavam sobre esse tempo, quando menos se esperava e motivadas pelas situações mais imprevistas (em meio à maior alegria ou em meio à profunda dor), tinham todo o perfil da inverossimilhança. Semprun também constatou que a narração, por mais fiel e por mais detalhada que seja, exige uma estruturação, exige um ritmo que convença quem ouve ou quem lê, requer um ponto de vista que transmita a confiança, a empatia, que convença o interlocutor, que o remeta para além das palavras em si, que consiga reavivar nele uma parte daquele dia-a-dia, dos dramas e das tragédias do deportado.

Em outras palavras, Semprun parece ter concluído que os livros de história e os depoimentos pontuais dos sobreviventes, com seus relatos truncados, angustiados, assustados, não davam conta de uma verdade, não inspiravam

nenhuma empatia no público. Mais ainda, a insistência no tema, a necessidade de narrar a experiência vivida, logo após o retorno do *Lager*, não encontrava uma audiência ou uma assistência com boa vontade, ou propriamente interessada. Os sobreviventes voltavam para casa e queriam lembrar. Mas a população que havia ficado queria esquecer. De certo modo, para uns e outros era doloroso lembrar. Para o sobrevivente, a ânsia de narrar o visto, o vivido e o testemunhado acabava sendo desgastante e opressor porque mantinha a cabeça e o corpo constantemente voltados ao campo, ou, portanto, ao ambiente da morte. A tudo aquilo que teria sido melhor nunca houvesse existido.

Os sobreviventes voltavam para casa e muitas vezes nem a família, nem os amigos, nem os antigos colegas, ninguém queria ouvir dizer o que lá dentro havia acontecido. A população em geral naturalmente tinha uma idéia das atrocidades cometidas pelos nazistas nos campos de concentração. Isso era possível depreender das atitudes vistas e flagradas à luz do dia, nas ruas, nos quartéis, nos silêncios e nos milhares de pessoas que, ao longo de mais de uma década, sumiram sem deixar rastro, que literalmente se dispersaram no ar.

Quem se defrontou com esse ambiente pouco propício, por exemplo, foi Primo Levi. Mal tendo voltado de Auschwitz, e depois da odisséia maluca da viagem de repatriação, que ele narraria em *A trégua*, numa sucessão de fatos e de percursos digna de um labirinto kafkiano pela Europa dizimada e estertorante, Levi elaborou em atropelo, num fôlego só, o seu *É isto um homem?*, um dos mais contundentes libelos de sobrevivente contra as perseguições e as agruras no *Lager*. Nesse volume de ensaios, Levi procurou registrar o que havia sido a vida em Auschwitz, descrevendo o comportamento dos nazistas, a indústria da morte, a humilhação, a degradação especialmente dos *müsselmanners*.

Desde cedo, Primo Levi deixava claro que o campo havia sido espaço de coisas praticamente inenarráveis, de que a linguagem jamais daria conta de abarcar toda a dimensão do infortúnio vivido pelos deportados. Quase simultaneamente a Levi, Robert Antelme – que inspirou a desesperada narrativa da novela-relato *A dor*, de Marguerite Yourcenar, que perambulava em desespero à espera de notícias do

amado ou de seu retorno do campo – deixara seu depoimento no relato *A espécie humana*.

Tanto o livro de Primo Levi como o depoimento de Antelme foram recebidos com muita frieza e com inúmeras reservas. *É isto um homem?* praticamente ficou esquecido por mais de uma década. O assunto de que ele tratava era doloroso demais e a sociedade não estava preparada para remexer feridas em absoluto cicatrizadas, ainda supurantes. Palavras, notícias, descrições, tudo remetia a comportamentos constrangedores, fazia lembrar de ausências. Seria necessário um longo processo em que a busca por notícias, a preocupação e a predisposição por entender, ficassem em primeiro plano. Para os sobreviventes e para os que haviam ficado em casa, nas cidades, tentando levar uma vida normal, fazia-se necessário um afastamento, colocar-se preventivamente à distância para enxergar de algum modo o que de fato havia ocorrido. Foi também um tempo para deixar baixar a poeira, filtrar as ausências e as agressões sofridas, para então poder entender a nova paisagem européia que se oferecia.

Jorge Semprun lembra, em *A escrita ou a vida*, que igualmente chegou a cogitar um depoimento mais pontual logo após seu retorno à vida em Paris. No entanto, ele próprio havia constatado que o ambiente não era propício; havia poucas pessoas a quem se dirigir. Narra, por exemplo, que as conversas com a amiga Claude-Edmonde Magny, recheadas de silêncios, foram determinantes para que pudesse novamente re-inserir-se em uma atividade de espírito salutar, que o afastava da morte, que o mantinha longe de Buchenwald, evitando que seu espírito toda hora o remetesse para o campo e as lembranças dolorosas. De Claude-Edmond, Semprun mereceu uma das mais contundentes interpretações de sua obra, a *Carta sobre o poder de escrever*, em que a amiga sistematiza e fixa o estilo todo próprio de Semprun de dizer o “indizível”, talvez justamente antecipando essa “poética da memória” que se sobressai e se avoluma da totalidade da obra do escritor espanhol.

Para Semprun, a memória reveste-se principalmente de carga afetiva. É um fluxo de energia que, na época em que se encontrava em Buchenwald, permitia suportar o isolamento, o medo, a solidão, sentindo-se íntimo e interligado a autores

como William Faulkner, a Heidegger, a Nietzsche, a César Vallejo, a Jean Giraudoux, entre tantos outros. E é igualmente um fluxo de energia que permanece latente mesmo depois, quando já estava de volta do campo e havia assumido tarefas na sociedade, já militando no Partido Comunista Espanhol (PCE).

Em seu período no campo de Buchenwald, há uma passagem extremamente marcante e demonstra o quanto as ligações de amizade e de valor intelectual eram fortes e essenciais para Semprun. Ele narra, em *A escrita ou a vida*, a convalescença e a morte de Maurice Halbwachs, que havia sido seu professor no curso de Filosofia e com o qual trava relação novamente em pleno campo. Halbwachs, no ambulatório, definha rapidamente. Mesmo assim, nos poucos momentos em que é possível esse convívio, Semprun e mais alguns companheiros acercam-se da cama de Halbwachs e procuram retomar algumas conversas e algumas reflexões, como se estivessem dando continuidade às aulas em Paris.

A amizade e o convívio com Halbwachs são tão significativos a ponto de Semprun, a certa altura, sussurrar um poema de Baudelaire. Poesia para quem estava no caminho da morte. Poesia em meio à morte do campo. Justamente a poesia que Adorno entendia não ser mais possível depois de Auschwitz. Em pleno campo da morte, ainda assim a poesia estava lá, como um rito libertador. Libertador até mesmo da dor, da raiva, do ódio. Poesia que liberta em todas as circunstâncias.

A ironia, a verdadeira ironia do destino é que coube a Semprun fixar a memória final, a memória derradeira, a última lembrança de Halbwachs. Seria tudo relativamente natural dentro do contexto do campo da morte não fosse Halbwachs justamente um dos grandes teóricos do próprio papel da... memória. Célebre por um livro chamado *A memória coletiva*, Halbwachs havia dedicado boa parte de sua trajetória intelectual a determinar o quanto a memória comum da comunidade, e não apenas a memória individual, o pensamento individual, eram determinantes para a compreensão do mundo e para o esclarecimento do que se poderia compreender como verdade. Agora, a existência de Halbwachs, em seu instante derradeiro, dependia da lembrança que Semprun tinha dele, tivera dele. E o discípulo não deixou por menos: fixou os gestos e as atitudes dos últimos momentos do mestre, em Buchenwald.

Maurice Halbwachs também, tomei-o em meus braços, no último domingo. Ele estava deitado no estrado do meio da armação de três níveis, bem na altura do meu peito. Enfiei meus braços por trás de seus ombros, inclinei-me sobre seu rosto, para falar com ele o mais perto, o mais suavemente possível. Acabava de lhe recitar o poema de Baudelaire, como se recita a oração dos agonizantes. Ele não tinha mais forças para falar, Halbwachs. [...] Talvez a morte seja o esgotamento de todo e qualquer desejo, inclusive o de morrer. É só a partir da vida, do saber da vida, que se pode ter o desejo de morrer. É ainda um reflexo de vida esse desejo mortífero. (SEMPRUN, 1995, p. 49)

Entre os versos a que se refere Semprun no trecho acima, e que ele recitou em sussurro no ouvido do moribundo mestre, estão: “Ô mort, vieux capitaine, il est temps, levons l’ancre nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons”. Que a tradutora Rosa Freire D’Aguiar, em *A escrita ou a vida*, em sua própria versão, apresentará como: “Ó morte, velho capitão, é hora, icemos a âncora / nossos corações, que conheces, estão repletos de raios.” (p. 31) Corações repletos de raios. Essa imagem, emprestada de Baudelaire, é mais uma metáfora singular, no contexto das lembranças de Semprun, como síntese da condição humana no entorno dos campos de concentração.

Quando se lembra de um livro como *Memória da barbárie*, de Roney Cytrynowicz, e sua análise pontual do drama que representou documentar a vivência num *Lager*, de certo modo se compreende, uma vez mais, a complexidade do material com o qual os sobreviventes tiveram que lidar. Explicar a barbárie de dentro, narrá-la, dar nome aos fatos, e estar sozinho nesse depoimento, novamente em completa solidão, indefeso perante esses “corações repletos de raios”, eis um fardo dos mais pesados.

A memória de Semprun estrutura-se no entorno das suas leituras e talvez se possa mesmo dizer que, na condição de intelectual, sua formação, sua base teórica, as reminiscências que traz do período anterior a Buchenwald, contribuíram para que sobrevivesse. Em *A escrita ou a vida*, é taxativo ao lembrar que, no dia-a-dia do campo, ele procurou preencher o vazio e o medo apelando para trechos de poemas, de romances, de citações dos filósofos que lera. Apegava-se com alguma ansiedade a esses vestígios de humanidade, de expressões da arte, para não sucumbir aos pensamentos negativos, à tristeza, a entregar-se à certeza da morte. Ao mesmo

tempo, mantém o contato com outros companheiros, não apenas os comunistas da célula clandestina do campo, mas também a todos aqueles com quem possa estabelecer um vínculo afetivo ou de amizade, apoiando-se mutuamente em favor de uma resistência, de uma esperança.

Assim, décadas mais tarde, quando formula a sua autobiografia associada à condição de sobrevivente, é particularmente a essa teia de referências literárias e artísticas que Semprun recorre. Tzvetan Todorov, em *Face ao extremo*, já reforçara o quanto essa base teórica e essa formação literária muitas vezes acaba sendo determinante para que o deportado se mantenha vinculado a algo mais perene, se sinta de alguma forma estimulado a continuar refletindo, a exercitar sua memória, seus pensamentos, sua visão de mundo. A não se deixar destruir em sua essência humana. Semprun, tanto em *Um belo domingo* como em *A escrita ou a vida*, se movimenta nessa lembrança dos livros que havia lido, dos autores que lhe eram representativos, e mesmo dos textos que lê ainda dentro do *Lager*.

A poética da memória, sob a ótica de Semprun, constitui um esforço, consciente, de restabelecer um contato com o mundo de antes do trauma, de quando a ruptura radical ainda não se havia concretizado. A deportação para o campo rompe o fio da vida, de sonhos, planos e aspirações, do jovem Semprun. Graças à memória, a narrativa desses fatos vivenciados constitui uma tentativa de, dentro do possível, unir alguns dos fios dispersos, que deixaram um vácuo na história pessoal. Assim, o homem de hoje busca depurar e aparar alguns dos empecilhos que o distanciaram, que romperam o contato com o menino que ele foi. Na teia da vida, a memória compreende, assim, o bálsamo, que ameniza a dor, o desconforto, que procura reparar os “tijolos” dessa casa, dessa arquitetura de vida, e novamente dar energia e ânimo na caminhada pessoal.

Em Semprun, sente-se claramente que repensar seu tempo de Buchenwald – e, inclusive, como narra ao final de *A escrita ou a vida*, a experiência de ter voltado ao campo, de ter visitado novamente aquele ambiente em que viveu seu maior trauma – foi uma maneira de também olhar com mais confiança o futuro. A poética da memória, em síntese, é o poder do homem do presente de, à luz do seu passado (tenha trazido ele a marca que trouxe), inaugurar o homem do futuro. Eis, assim, a

iluminação em trezentos e sessenta graus que constitui o olhar do homem aberto à totalidade, juntando o seu interior, as suas emoções, com o mundo exterior, na constante troca de energias com o passado, com a natureza, com o cosmos. Sobreviver, resistir, avançar, crescer, compreender e compreender-se são atitudes nesse mesmo gesto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há pouco, perto do Pequeno Campo, quando eu contemplava o pôr do sol na planície coberta de neve da Turíngia, Jeová me perguntara se eu tinha passado bem o domingo. Pensei naquela árvore de beleza quase irreal. Eu havia saído da estrada, tinha contemplado a árvore. Tive a sensação fugidia de descobrir uma verdade essencial: a verdade daquela árvore, de todas as árvores ao redor, de toda a floresta, de todas as florestas do mundo que não precisavam do meu olhar. Senti com toda a força do meu sangue acelerado que minha morte não privaria essa árvore de sua beleza radiosa, que apenas privaria o mundo do meu olhar. Durante um breve momento de eternidade contemplei aquela árvore com o olhar de além da morte, com os olhos da minha própria morte. E a árvore continuava bela. Minha morte não mutilava a beleza daquela árvore. Mais tarde, li um aforismo de Kafka que exprimia com exatidão o que eu sentira, confusa, mas intensamente, naquela manhã, ante a faia de Buchenwald: No combate entre você e o mundo, apóie o mundo.

Jorge Semprun, *Um belo domingo*, p. 385.

Certamente não deixa de ser pretensiosa a tentativa de estabelecer uma poética da memória a partir da obra de um único escritor. Fugidia como só ela, a memória pessoal tende a exigir uma cercadura, uma delimitação, um cotejamento com parâmetros históricos, sociais, culturais. Mas quando o escritor em questão é Jorge Semprun, configurar uma “poética” – no efeito de *poiesis*, de criação, de elaboração – da memória mostra-se plenamente justificado. Poucas obras, como a de Semprun, são de tal forma amalgamadas, compreendendo vida e pensamento, amadurecimento pessoal e formação social, imbricação ética e moral, trânsito pela memória coletiva de seu tempo e de todos os tempos, conhecimento literário e, principalmente, domínio sobre as ferramentas da expressão.

A impressão que fica, da leitura do conjunto dos escritos de Semprun, é de que cada livro constitui basicamente uma faceta da obra toda. Cada novo título amplia, distende, multiplica, reverbera o conteúdo dos anteriores, numa vigorosa intertextualidade interna em sua produção pessoal. Esse aspecto já havia sido notado pelo crítico Carlos Fernández:

Ao longo de quarenta anos, o autor escreveu uma dezena de livros, logrando constituir desse modo, tenazmente, um edifício literário de notável qualidade e de grande interesse para os historiadores. Cada uma dessas obras é em realidade o mesmo livro que se reescreve sem cessar, com dados novos, juízos ponderados pela experiência, recursos narrativos mais complexos, porém o mesmo livro; um livro ao modo da biblioteca de Borges: infinito.<sup>22</sup>

Fernández refere que os livros de Semprun estabelecem recordações e juízos sobre aspectos fundamentais da história recente, particularmente na Europa. E com um ingrediente essencial, na ótica de Fernández: Semprun debruça-se sobre um passado que não quer cair no esquecimento e que se tece em torno de alguns temas capitais em sua vida e na história da Espanha e da Europa. E é inegável que houve uma conjunção de fatores muito singular para que o autor espanhol se tornasse essa testemunha privilegiada, e ao mesmo tempo cronista diferenciado, da realidade econômica, social, política, talvez até mesmo filosófica e antropológica

---

<sup>22</sup> “A lo largo de cuarenta años el autor ha escrito una decena de libros, logrando construir de ese modo, tenazmente, un edificio literario de notable calidad y de gran interés para los historiadores.

Cada una de esas obras es en realidad el mismo libro que se reescribe sin cesar, con datos nuevos, juicios ponderados por la experiencia, recursos narrativos más complejos, pero el mismo libro; un libro al modo de la biblioteca de Borges: infinito.”

Esta consideração consta no artigo que Carlos Fernández assina para *Revistas Culturales*, editada em formato *online* em 28 de junho de 2006. Neste sentido, ver as *Referências* ao final deste trabalho.

desencadeada por alguns dos acontecimentos mais impactantes do século XX e talvez mesmo da história humana.

Como sobrevivente de Buchenwald, Semprun deixou muito mais do que uma simples impressão sobre o que significou a Segunda Guerra Mundial e sobre o que configurou o holocausto, dentro e fora dos campos. A condição de intelectual, com sólida formação filosófica e de vasto conhecimento sobre a reverberação dos grandes textos literários na vida de uma sociedade, o projetou a uma altura muito diferente daquela de vários outros sobreviventes. Por outro lado, ele não estava em Buchenwald como perseguido étnico, o que ocorria com os judeus, com os negros, e nem como um indivíduo perseguido por sua condição social ou por suas limitações físicas (velhos, homossexuais, etc.).

Semprun foi parar dentro do campo por sua ação no exterior, por uma predisposição pessoal, consciente, com o propósito de confrontar esse sistema de coisas, de não concordar com o rumo dos acontecimentos, nem na França que adotara como sua terra, nem na Espanha, nem na Alemanha. A postura pessoal de Semprun foi declaradamente antitotalitária, movida por um sentimento e por uma preocupação moral e ética, inspirada naturalmente em suas leituras e em princípios de seu grupo social. Por isso mesmo, dentro do *Lager*, Semprun olhou com olhos de comunista espanhol, de alguém que, correndo os mesmos perigos que os demais, sabia que estava lá porque se submeteu a esse risco. Ele, enquanto cidadão, poderia ter recuado, poderia ter agido de modo a não se expor, ainda mais que vivia relativamente longe do turbilhão que cercava e engolia judeus, inimigos políticos e outros grupos.

Portanto, a memória de Buchenwald, em Semprun, é sempre uma memória associada a uma tomada de posição, a uma atitude, e justamente por isso seu olhar é relativamente isento, mais humanitário, mais rigidamente pautado por princípios e por valores e menos por ranços ou ódios de qualquer ordem. Nesse sentido, não por acaso Semprun se diz devedor do ponto de vista expressado por Primo Levi, igualmente capaz, a par de sua condição de intelectual, de fazer uma leitura mais abrangente, mais distanciada, por mais que permaneça a angústia relacionada às agressões sofridas no campo, de tudo que está associado ao *Lager*.

Semprun leu Primo Levi, depoimento que o marcou definitivamente, e essa reação pode ser cotejada ao comentário realizado por Jean Améry, em *Más allá de la culpa y la expiación*. Améry vê na condição do intelectual uma dor em muitos casos mais aguda e uma ameaça mais efetiva do que a do simples operário ou do trabalhador. O intelectual, no campo, sem qualquer habilidade manual, que o autorizasse a ser útil no sistema de manutenção do *Lager*, era um potencial candidato a ser eliminado. O campo não era para ser espaço de intelectual: lá, quem sabia fazer alguma coisa devia lançar mão da sua qualificação para produzir; se não servia aos fins da produção, era eliminado.

Ao lado desse risco de não ser útil para os nazistas, ainda havia outro complicador: enquanto um preso comum talvez não se deixasse tocar tão profundamente por tudo o que via, resignando-se a trabalhar e a lutar com todas as suas forças para estender suas chances de sobrevivência, adaptando-se às circunstâncias de cada dia, o intelectual sofria porque a realidade chocante o afligia, um martírio cruel que se contrapunha a toda a sua formação ética e moral anterior. Claro que esse argumento pode parecer fútil ou excessivamente carregado de soberba, mas a verdade é que coube ao intelectual, ao iniciado na arte, com alguma carga de cultura, servir de testemunha mais efetiva, mais eficiente; seria o intelectual aquele que, em última instância, menos estaria autorizado a esquecer, constituindo-se porta-voz da coletividade do campo.

Como porta-vozes de uma época ou de um acontecimento-limite na história da humanidade, os memorialistas do holocausto solicitam a nossa atenção. Pode-se compreender quase como uma tarefa inadiável ler o que eles escreveram e ouvir o que têm a dizer: à entrada do século 21, poucas das pessoas que estiveram em campos de concentração nazistas ainda estão vivas. Dentro de poucos anos, elas já não mais estarão aí. E é difícil, nos dias atuais, imaginar claramente o que isso poderá significar, em termos de compreensão do acontecimento, embora venham a permanecer seus livros, seus depoimentos, seu olhar sobre a experiência no *Lager*.

Na Europa, manifestações neo-nazistas ganham contornos cada vez mais nítidos. Não são poucos os que, sem compreensão dos fatos, até apóiam, de modo

ingênuo, o que esses grupos pregam. Por conta da quase total ignorância da população dos mais diversos países – e mais ainda fora do contexto europeu – sobre o que representou o holocausto, não é pequeno o risco de a sociedade, num futuro próximo, repetir erros do passado. A memória é um grande antídoto nesse processo. Não se pode nem se deve esquecer o que houve; é preciso manter esse cenário (ainda que triste e lamentável) como parâmetro entre o que é correto, ético e moral e aquilo que foge a qualquer norma de comportamento, convívio, justiça e liberdade. A leitura de obras como a de Semprun, de Primo Levi, de Imre Kertész, de Elie Wiesel, de Jean Améry, cada qual com seu estilo para descrever o mesmo cenário de degradação, é, portanto, indispensável. É atitude de comprometimento moral e ético perante os que sobreviveram, e até mesmo (ou, talvez, principalmente) perante os que sucumbiram.

Jorge Semprun, especialmente em *A escrita ou a vida*, reflete sobre a experiência da deportação e a sua condição de sobrevivente da maior catástrofe impetrada pelo ser humano ao longo de toda a história. Nesse caso, não se pode esquecer, é o senhor de 70 anos recuperando, em seu imaginário pessoal, o adolescente que ele próprio foi e cuja trajetória de vida foi radicalmente alterada aos 19 anos. A morte que perpassa seus textos, e que costuma transparecer nos textos da grande maioria dos sobreviventes que deixaram depoimento, é a morte de uma expectativa, é a morte de uma situação de futuro que eles tinham (que cada ser humano tem e alimenta); ao serem levados para o campo, ao serem privados de seus direitos mais imediatos, de seu entorno pessoal, de sua família, amigos, amores, de sua história, enfim, eles viram ruir uma parte preciosa de seu universo pessoal.

E essa parte, esse espaço, nunca mais seria preenchido. É um tempo perdido que, à luz de Proust, nem adiantaria recuperar: a simples recuperação, em alguns casos, era mais dolorosa, mais perigosa, que o esquecimento. É o que Semprun ensina, talvez unindo-se a outros intelectuais, como o seu mestre Maurice Halbwachs: em dado momento é preferível esquecer para depois lembrar com mais calma e com menor risco de ser irremediavelmente tragado pela lembrança.

Quando se sentiu, finalmente, em condições de empreender essa tarefa, distanciado no tempo e no espaço, distanciado pelo rumo dos acontecimentos, por uma nova base teórica, de seu passado de deportado, Semprun conseguiu, aos poucos, tateando, lidar com a matéria dessa memória. Assim, a sua obra foi surgindo, foi se configurando, completando, como uma casa erguida tijolo a tijolo, a partir das bases que ele próprio era e sempre foi. Com direito às aberturas, aos respiradouros, muitas vezes representados pelo humor, por uma ironia e por uma surpreendente capacidade de ainda (e sempre) brincar.

Semprun é alguém que, como adolescente que viu muitos de seus sonhos, talvez mesmo a inocência que ainda guardasse em si, perecerem em Buchenwald, soube erigir uma segunda vida. E essa segunda vida o habilitou a ser memorialista, a olhar com alguma isenção e uma grande simpatia para o menino que ele fora e que nunca mais seria. Talvez a perdoá-lo em muitos dos seus gestos, a admitir as eventuais falhas que tivera; talvez a aconselhá-lo, esse menino que ainda persiste dentro de si, a acreditar na vida, apesar de tudo.

Por isso, as palavras finais de *Um belo domingo* são uma espécie de epígrafe para toda essa noite de terror e de infortúnio que o holocausto representou para a raça humana, e sintetiza, de certo modo, a “poética” da memória na obra de Semprun. Mais do que isso, são uma maneira aguda, carregada de plenitude de consciência e de vôo histórico e cultural, para a verdade da condição humana. O adolescente Semprun parado diante da faia de Buchenwald, nessa paisagem que em outros tempos fora de inspiração para as mais intensas criações líricas de Goethe, constata, num lampejo de lucidez extrema, a síntese da sua existência e a de tudo que o cerca. O mundo imaginado pelos nazistas, todas as construções, todas as edificações, obras, projetos, planos audaciosos, tudo passa. O homem, visto em sua individualidade, passa. E ninguém escapa à verdade dos fatos, muito menos à lembrança desses fatos.

Na vitória ou na derrocada, homens vão e homens vêm, sistemas se estabelecem e declinam, e a árvore continua lá: simples, imutável, bela, quieta, testemunha efetiva das paixões, das ousadias e dos humores que se vão. A poética da memória, em Semprun, de certo modo é alimentada por essa faia: é diante dela

que permanece, extasiado, admirado, quase incapaz de traduzir seus sentimentos em palavras, o jovem Semprun. “– *Das Baum* – disse, finalmente – *so ein wunderschönes Baum!*”.<sup>23</sup> A árvore é o conhecimento, a árvore é a memória. A árvore permanece. E essa árvore permanece bela, até o fim.

É onde ele, Semprun, sempre permanecerá. É onde um leitor poderá localizá-lo, agora e no futuro, como a advertir que a vida é cruel, mas que a lembrança dessa vida, a memória que permanece, podem reabilitá-la. Quase como um alento: como a dizer que talvez um dia a raça humana ainda conseguirá compreender o verdadeiro papel que lhe cabe na existência.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 157-194.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Lo que queda de Auschwitz: El archivo y el testigo*. Homo sacer III. Trad. Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pre-Textos, 2005.

AGUIAR, Rosa Freire d'. *Memória de tradutora: entrevista a Marlova Aseff e Dorothee de Bruchard*. Florianópolis: Escritório do Livro: NUT/UFSC, 2004.

<sup>23</sup> – A árvore – disse, finalmente – uma árvore tão deslumbrante! (*Um belo domingo*, p.384)

AMÉRY, Jean. *Más allá de la culpa y la expiación*: Tentativas de superación de una víctima de la violencia. Trad. Enrique Ocaña. Valencia: Pre-Textos, 2004.

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Origens do totalitarismo*: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BACHMANN, Ingeborg. *Malina*. Trad. Ruth Röhl. São Paulo: Siciliano, 1993.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s/d.

BAUMAN, Janina. *Inverno na manhã*: uma jovem no gueto de Varsóvia. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BELING, Romar. O que é sobreviver?, *Ensaio!*, Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul, 27 out. 2004.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*: Obras escolhidas. 5. ed. v. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*: a palavra plural (palavra de escrita). Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

\_\_\_\_\_. *El instante de mi muerte y La locura de la luz*. 2. ed. Trad. Alberto Ruiz de Samaniego. Madri: Tecnos, 2004.

BRAUNSTEIN, Nestor A. *Sobrevivendo ao trauma*. Trad. Marylink Kufeberg, do original *Surviving trauma*. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro: SPID (Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle), n. 35 [s.d.]. Disponível em <<http://nestorbraunstein.com/trauma.html>>. Acesso em: 25.6.2006 (Cópia impressa).

CELAN, Paul. *Cristal*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Poemas*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

- \_\_\_\_\_. *Hermetismo e hermenêutica: Paul Celan – poemas II*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1985.
- CHALAMOV, Varlam. *Contos de Kolimá*. Trad. José Manuel Milhazes Pinto. Lisboa: Relógio d'Água, s/d.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial*. São Paulo: Nova Stella/Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- DOSSIÊ: literatura de testemunho. Cult, n. 23. São Paulo: Bregantini, junho de 1999. p. 39-63. (org. Márcio Seligmann-Silva)
- DURAS, Marguerite. *A dor*. Trad. Vera Adami. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*. Trad. Marina Leivas Bastian Pinto. Prefácio de Augusto Meyer. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.
- “El triunfo de los deportados”. Entrevista com Jorge Semprun. *El País* dominical, 5 de jun. 1994. Disponível em <<http://www.vespito.net/historia/semprun.html>>. Acesso em: 19.10.2005  
Cópia impressa.
- FAULKNER, William. *Absalão, absalão*. Trad. Sônia Régis. São Paulo: Círculo do Livro, [s/d].
- FERNÁNDEZ, Carlos. *Estrategias de la memoria en la obra de Jorge Semprun*. Historia, Antropología y Fuentes Orales n. 32, 28 de Jun. 2006. Disponível em <<http://www.revistas culturales.com>>.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro et al. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FINK, Ida. *A viagem*. Trad. Marcelo Paiva de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. Trad. Mônica Campos de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A humanidade perdida: ensaio sobre o século XX*. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ingratidão: a relação do homem de hoje com a História*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *A memória vã: do crime contra a humanidade*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRIEDLÄNDER, Saul. *Kurt Gerstein: entre o homem e a Gestapo*. Trad. Maria José Miranda. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

GADAMER, Hans-Georg. *Quem sou eu, quem és tu?: comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-Cristal de Paul Celan*. Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GIRAUDOUX, Jean. *Duas existências*. Trad. Luís P. Horta. Introdução de Octávio de Faria. Posfácio de Jean Pierre Giraudoux. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Suzana e o Pacífico*. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.

GRASS, Günter. *Discurso de la perdida: sobre el declinar de la cultura política en la Alemania unida*. Trad. Carlos Martín. Barcelona: Paidós, 1999.

\_\_\_\_\_. *Escribir después de Auschwitz: Reflexiones sobre Alemania: un escritor hace balance de 35 años*. Trad. Miguel Sáenz. Barcelona: Paidós, 1999.

\_\_\_\_\_. *Nas peles da cebola*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Trad. Nancy Rosenchan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *Las clases sociales*. Trad. Max Aub. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1950.

\_\_\_\_\_. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Morfologia social*. Trad. Francisco Pina. Mexico, D.F.: Editorial America, 1944.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 14. ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2005.
- HILLESUM, Ety. *Uma vida interrompida: os diários de Ety Hillesum – 1941-1943*. Trad. Antônio C. G. Penna. Rio de Janeiro: Record, [s/d.]
- IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- KAFKA, Franz. *Cartas a Milena*. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- KERTÉSZ, Imre. *Un instante de silencio en el paredón: el Holocausto como cultura*. 2. ed. Trad. Adan Kovacsics. Barcelona: Herder, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O fiasco*. Trad. Ildiko Sütö. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A língua exilada*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Kadish para uma criança não nascida*. Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Liquidação*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sem destino*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Trad. Irene Aron. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- KORCZAK, Janusz. *Diário do gueto*. Trad. Jorge Rochtlitz. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- LACOUÉ-LABARTHE, P.; NANCY, J-L. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

- LAQUEUR, Walter. *O terrível segredo: a verdade sobre a manipulação de informações na “solução final” de Hitler*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- LANZMANN, Claude. *Shoah: vozes e faces do Holocausto*. Trad. Maria Lucia Machado. Prefácio de Simone de Beauvoir. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LEBERT, N.; LEBERT, S. *Tu carregará meu nome: a herança dos filhos de nazistas notórios*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Trad. Ana Torrent. Madri: Megazul-Endymion, 1994.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2. ed. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *É isto um homem?* 3. ed. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- \_\_\_\_\_. *71 contos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O último Natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário da Costa Aguiar Toschi. Ilustrações de Rubens Ianelli. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002.
- LEVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*. Trad. Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MARRUS, Michael R. *A assustadora história do Holocausto*. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- MILMANN, Luis (Org.). *Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo: dos mitos e da crítica aos tribunais*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

- NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. 19ª ed. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 358 p.
- NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. 264 p.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, [s/d.]
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar a marteladas*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, [s/d.]
- OZICK, Cynthia. *O xale*. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OLMI, Alba. *Uma escritora de ficção e a ficção de uma escritora: os múltiplos processos da autobiografia estética em Janet Frame*. São Paulo: Scortecci, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.
- PEREC, Georges. *W ou a memória da infância*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PHILLIPS, Adam. A memória forçada. Trad. Paulo Migliacci. *Folha de S. Paulo*, 20 nov. 2005, p. 10.
- POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva; Ed. Universidade de São Paulo, 1974.
- RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988.
- SACHS, Nelly. *Poesias*. Trad. Paulo Quintela. Estudo introdutivo de Joseph Bernfeld. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1975.
- SAID, Edward W. *Fora de lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *A questão judaica*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Ática, 1995. 96 p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

\_\_\_\_\_. *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. Viver e contar o trauma. In: *Viver: Mentes & Cérebro*, ano XIV, n. 156, p. 56-61. São Paulo: Duetto Editorial, janeiro 2006,.

SEMPRUN, Jorge. *A algaravia*. Trad. Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1987.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia de Federico Sánchez*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Um belo domingo*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *A escrita ou a vida*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995..

\_\_\_\_\_. *A grande viagem*. Trad. Celina Luz. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

\_\_\_\_\_. *De la perplejidad a la lucidez*. Discurso pronunciado em 19 de março de 1989 no ato acadêmico de sua investidura como Doutor Honoris Causa pela Universidade de Tel Aviv. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero6/semprun.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2005, p. 22-49.

\_\_\_\_\_. *O morto certo*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Arx, 2005.

\_\_\_\_\_. *A montanha branca*. Trad. Edison Darci Heldt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *Netchaiev está de volta*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *Saudações de Federico Sanchez*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. *A segunda morte de Ramón Mercader*. Trad. Júlio César Montenegro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

\_\_\_\_\_. *Stavisky*: roteiro para o filme de Alain Resnais. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. *Vinte anos e um dia*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Viviré con su nombre, morirá con el mio*. Trad. Carlos Pujol. Barcelona: Tusquets, 2001.

\_\_\_\_\_. *Yves Montand*: a vida continua. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SOLJENÍTSIN, Alexandre. *Arquipélago Gulag*. Trad. Francisco A. Ferreira. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. 608 p.

\_\_\_\_\_. *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*. Trad. H. Silva Letra. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

SORLIN, Pierre. *O anti-semitismo alemão*. Trad. Francisco Saule Luza. São Paulo: Perspectiva, 1974.

“Soy un deportado de Buchenwald”: entrevista com Jorge Semprun. *El País*, 19 de maio 2001, suplemento Babelia. Disponível em: <<http://www.elpais.es/suplementos/babelia/20010518/02.html>>. Acesso em: 26 jun. 2005.

SPIEGELMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STEINER, Jean-François. *Treblinka*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Prefácio de Simone de Beauvoir. São Paulo: Círculo do Livro, [s/d.]

STIVELMAN, Michael. *A marcha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

STIVELMAN, M.; STIVELMAN, R. *A marca dos genocídios*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Paidós, 2000.

\_\_\_\_\_. *Em face do extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Arx, 2002.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: "Um Eichmann de papel" e outros ensaios sobre o revisionismo*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1988.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WEPMAN, Dennis. *Hitler*. São Paulo: Nova Cultural, 1990. Col. Os grandes líderes do século XX.

WIESEL, Elie. *Holocausto: canto de uma geração perdida*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1978.

\_\_\_\_\_. *Kadish: histórias do Holocausto*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: EBLC, 1995.

\_\_\_\_\_. *A noite*. Trad. Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Palavras de estrangeiro*. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

WIESENTHAL, Simon. *Eu persegui Eichmann*. Trad. Fiana Hasse Pais Brandão. Lisboa; Rio de Janeiro: Portugália, [s/d.]

\_\_\_\_\_. *Justiça não é vingança*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1990.

WIEVIORKA, Annette. *Auschwitz explicado à minha filha*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Via Lettera, 2000.

ZAMBRANO, María. *La confesión: género literario*. Madrid: Siruela, 2004.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)